ANTROPOLOGIA TRICOTÔMICA CRISTOCÊNTRICA

A TRICOTOMIA DE CRISTO REVELADA
NA CRUZ, EM SUA MORTE E RESSURREIÇÃO

ELIZEU MORAES DA S. E SILVA

GUARDIÃO DA PROFECIA

ANTROPOLOGIA TRICOTÔMICA CRISTOCÊNTRICA

A TRICOTOMIA DE CRISTO REVELADA NA CRUZ, EM SUA MORTE E RESSURREIÇÃO

Autor: Elizeu Moraes
Guardião da Profecia

Paulo apresentou. Cristo demonstrou. A ressurreição confirmou.

Sumário

Introdução — Cristo é a Pedra da interpretação

1. **O que está em discussão?**
2. **Como interpretar a antropologia bíblica**
3. **Corpo, fôlego e alma vivente na criação**
4. **O que a morte revela sobre o homem**
5. **Paulo nomeia a totalidade humana**
6. **Ele verdadeiramente se fez um de nós**
7. **A tricotomia aplicada à morte de Cristo**
8. **As principais objeções à tricotomia**
9. **A ressurreição confirma a pessoa integral**

Conclusão — Permaneçam sobre a Pedra

Introdução — Cristo é a Pedra da interpretação

Qual é a verdadeira composição do ser humano segundo as Escrituras?

Somos apenas matéria organizada e vivente?

Somos corpo e uma dimensão imaterial chamada indistintamente de alma ou espírito?

Ou a Bíblia apresenta corpo, alma e espírito como realidades distinguíveis dentro da unidade da mesma pessoa?

Essas perguntas pertencem à antropologia bíblica: o estudo do ser humano à luz da revelação de Deus.

Durante séculos, diferentes respostas foram apresentadas. Algumas escolas defendem a dicotomia. Outras adotam o monismo. Há também interpretações multidimensionais ou pluralistas. Este livro defenderá a tricotomia.

Entretanto, nosso propósito não é acrescentar mais uma opinião a uma controvérsia antiga.

Também não é vencer uma disputa por meio da quantidade de teólogos reunidos de cada lado.

A questão precisa ser levada novamente às Escrituras.

E, acima de tudo, precisa ser levada a Jesus Cristo.

Reexaminar é uma atitude bíblica

Alguns conceitos permanecem conosco por tantos anos que deixam de ser percebidos como interpretações. Passam a ser tratados como se fossem o próprio texto bíblico.

Isso pode acontecer com qualquer pessoa.

Podemos receber uma explicação de mestres sinceros, repeti-la durante décadas e nunca mais perguntar se ela preserva todas as passagens relacionadas ao assunto.

Reexaminar não significa desprezar aqueles que vieram antes de nós.

Significa reconhecer que todo professor, pregador e pesquisador continua sujeito à autoridade da Palavra.

Os bereanos ouviram a pregação apostólica com disposição, mas examinavam diariamente as Escrituras para verificar se aquilo era assim. Sua atitude foi chamada nobre.

Se até a mensagem anunciada por Paulo foi examinada à luz das Escrituras, nenhuma tradição posterior deve exigir imunidade semelhante.

A renovação do entendimento também é uma orientação bíblica.

Paulo exorta os cristãos a não se conformarem com este século, mas a serem transformados pela renovação da mente. Renovar não é abandonar a verdade. É permitir que a verdade corrija aquilo que compreendíamos de maneira incompleta.

Este livro nasce desse espírito de exame.

Não buscamos novidade por amor à novidade.

Buscamos harmonia entre aquilo que Paulo escreveu e aquilo que aconteceu com Jesus Cristo.

A Escritura não está dividida contra si mesma

Toda a Escritura é inspirada por Deus.

Por isso, não trataremos uma passagem como verdadeira e outra como inconveniente.

Não colocaremos Paulo contra o Antigo Testamento.

Não colocaremos Hebreus contra o Magnificat.

Não colocaremos a linguagem da criação contra os acontecimentos da cruz.

Nosso dever é respeitar o gênero, o contexto, o propósito e o vocabulário de cada texto, permitindo que todos ocupem seu devido lugar.

Uma poesia não precisa funcionar como tratado sistemático para ser inspirada.

Uma oração apostólica não deixa de ensinar por ser oração.

Uma palavra que possui sentidos diferentes não perde toda possibilidade de designar uma realidade específica.

Uma passagem que menciona apenas dois aspectos do homem não anula outra que apresenta uma enumeração mais abrangente.

Harmonia não significa obrigar todos os autores a utilizarem as mesmas palavras da mesma forma em todas as ocasiões.

Significa reconhecer que o Deus que inspirou as Escrituras não se contradiz.

Quando surge uma aparente tensão, precisamos examinar nossa interpretação antes de acusar o texto de confusão.

Cristo possui a primazia

Jesus Cristo não será utilizado neste estudo apenas como ilustração final.

Ele é o centro da demonstração.

Paulo afirma que Cristo possui a primazia em todas as coisas. O Verbo se fez carne e habitou entre nós. O Filho participou da carne e do sangue e foi feito semelhante aos irmãos, sem deixar de ser Deus e sem participar do pecado.

Ele verdadeiramente se fez um de nós.

Por isso, os acontecimentos de sua morte e ressurreição possuem valor decisivo para compreendermos a humanidade.

Cristo é também a Pedra rejeitada pelos construtores que se tornou a principal Pedra Angular.

Uma pedra angular estabelece alinhamento.

As demais pedras não determinam sua posição. São ajustadas a ela.

Da mesma forma, uma construção teológica deve ser examinada pela revelação concentrada em Jesus.

Se uma teoria não consegue preservar aquilo que aconteceu com Cristo, não é Cristo que precisa ser reinterpretado para caber na teoria.

É a teoria que precisa ser revista.

Essa é a convicção que orientará cada capítulo:

Se uma construção teológica não se alinha a Cristo, não é a Pedra que precisa ser ajustada, mas a construção.

O caminho desta obra

Começaremos definindo o que realmente está em discussão.

Tricotomia não significa a existência de três pessoas dentro do homem. Significa que corpo, alma e espírito podem ser distinguidos sem destruir a unidade pessoal.

Em seguida, estabeleceremos regras de interpretação indispensáveis ao estudo. Examinaremos a criação do homem, o vocabulário de vida aplicado também aos animais e aquilo que a morte dos patriarcas revela sobre corpo e fôlego.

Então chegaremos à formulação apostólica:

“E todo o vosso espírito, e alma, e corpo sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.”

Primeira aos Tessalonicenses, capítulo 5, versículo 23.

Paulo nomeou três elementos ao falar da totalidade humana:

Pneuma.

Psychē.

E *sōma*.

Depois, examinaremos a plena humanidade do Filho e os três acontecimentos registrados em sua morte:

O *pneuma* foi entregue ao Pai.

O *sōma* foi colocado no sepulcro.

A *psychē* não foi abandonada no Hades.

Por fim, responderemos às objeções principais e veremos que a ressurreição confirmou a unidade do mesmo Cristo.

A morte separou.

A ressurreição reuniu, restaurou e transformou.

O limite necessário

Esta não é uma obra geral sobre a morte, o Hades, o Paraíso, o lago de fogo ou a cronologia escatológica.

Esses assuntos aparecerão somente quando forem indispensáveis à compreensão da composição humana revelada em Cristo.

Também não construiremos uma longa história da filosofia ou das interpretações antropológicas.

Dicotomia, monismo e pluralismo serão apresentados com clareza suficiente para que o leitor compreenda a discussão. Depois, cada posição será avaliada pelo texto bíblico.

O objetivo é específico:

Demonstrar que Paulo nomeou a totalidade humana como espírito, alma e corpo, que a morte de Cristo revelou a distinção entre esses elementos e que a ressurreição preservou a unidade da mesma pessoa.

Um convite ao leitor

Não pedimos que o leitor aceite esta conclusão apenas porque ela foi apresentada com convicção.

Convidamos você a conferir os textos.

Leia cada passagem em seu contexto.

Observe as palavras empregadas.

Distinga o que o texto declara diretamente, o que ele permite concluir e o que resulta da síntese entre as passagens.

Acima de tudo, contemple Jesus Cristo.

Este estudo não pretende retirar a glória de Deus para entregá-la ao autor de uma interpretação.

Se existe luz nesta demonstração, ela procede daquele que inspirou as Escrituras.

Se algum entendimento precisa ser corrigido, que a correção aconteça diante da Palavra e para a glória de Deus.

A tese que examinaremos pode ser resumida assim:

Paulo apresentou a totalidade humana como espírito, alma e corpo. Na morte de Jesus, o espírito foi entregue ao Pai, o corpo foi colocado no sepulcro e a alma não foi abandonada no Hades. Na ressurreição, o mesmo Cristo levantou-se vitorioso. Paulo apresentou. Cristo demonstrou. A ressurreição confirmou.

Comecemos, portanto, não pela defesa de uma tradição.

Comecemos pelas Escrituras.

E permaneçamos sobre a Pedra.

Referências principais da introdução

- Mateus 21.42–44.
- Lucas 20.17–18.
- João 1.1,14.
- Atos 17.11.
- Romanos 12.2.
- Colossenses 1.15–18.
- 1 Tessalonicenses 5.23.
- 2 Timóteo 3.16–17.
- Hebreus 2.14–17.

Capítulo 1 — O que está em discussão?

Antes de defender uma conclusão, precisamos definir a pergunta.

Quando afirmamos que o ser humano é corpo, alma e espírito, o que estamos dizendo?

Estamos falando de três pessoas?

De três órgãos invisíveis?

De três nomes para a mesma realidade?

Ou de elementos distinguíveis que pertencem à unidade de uma única pessoa?

Grande parte das discussões torna-se confusa porque os participantes utilizam as mesmas palavras com significados diferentes. Uma pessoa fala em “partes”, imaginando pedaços independentes. Outra fala em “unidade”, supondo que qualquer distinção destruiria a pessoa. Uma terceira trata alma e espírito como sinônimos sem perguntar se essa equivalência funciona em todas as passagens.

Este capítulo não pretende resolver antecipadamente tudo o que será demonstrado no livro.

Seu propósito é mais fundamental:

Definir com clareza aquilo que está em discussão.

Antropologia e ontologia

A palavra antropologia significa estudo do homem ou do ser humano.

Ela pode ser empregada em diversas áreas. A antropologia cultural estuda povos, costumes e sociedades. A antropologia filosófica pergunta o que caracteriza a existência humana. A antropologia bíblica examina o homem à luz da revelação de Deus.

É nesse último sentido que utilizaremos a palavra.

Não estamos investigando diferenças culturais nem descrevendo o funcionamento do cérebro. Perguntamos como as Escrituras apresentam a constituição do ser humano.

Também empregaremos o termo ontologia.

Ontologia diz respeito ao ser: aquilo que alguma coisa é, e não somente aquilo que faz.

Uma pergunta funcional seria:

Como o homem pensa, sente, deseja e se relaciona?

A pergunta ontológica é anterior:

O que constitui esse homem que pensa, sente, deseja e se relaciona?

As duas questões se tocam, mas não são idênticas.

Uma passagem pode descrever uma função da alma sem definir toda a alma. Pode falar da atuação do espírito sem apresentar uma lista completa da composição humana. Pode mencionar o corpo sem explicar sua relação com a identidade pessoal.

Por isso, não transformaremos toda referência a sentimentos, pensamentos ou respiração numa definição ontológica.

Procuraremos textos que permitam compreender a totalidade humana e acontecimentos que revelem como seus elementos se relacionam.

Uma pessoa, não três

A tricotomia defendida neste livro não divide o homem em três pessoas.

O corpo não é um indivíduo.

A alma não é um segundo indivíduo habitando o primeiro.

O espírito não é uma terceira personalidade independente.

Existe um único ser humano.

Ele diz:

Meu corpo.

Minha alma.

Meu espírito.

Os três pertencem ao mesmo sujeito.

Durante a vida terrena, a pessoa atua em unidade. Quando alguém fala, não precisamos decidir se foi somente o corpo, a alma ou o espírito que falou. A pessoa falou por meio de sua existência integral.

Quando ama, sofre, ora, escolhe ou trabalha, é o ser humano que realiza essas ações.

Reconhecer distinções não destrói essa unidade.

O corpo pode ser distinguido da alma sem deixar de pertencer à pessoa. Alma e espírito podem ser distinguidos sem se tornarem duas pessoas.

A morte revelará que aquilo que vive unido pode receber destinos distintos. A ressurreição mostrará que a separação não elimina a identidade do sujeito.

Portanto, nossa frase-eixo precisa ser estabelecida desde o início:

A tricotomia não divide o homem em três pessoas; reconhece distinções dentro da unidade do ser humano.

A interpretação tricotômica

A palavra tricotomia é formada pela ideia de uma divisão em três.

Na antropologia cristã, designa a compreensão de que o ser humano é constituído de corpo, alma e espírito.

Em grego:

Sōma.

Psychē.

E *pneuma*.

O corpo corresponde à dimensão material da existência humana.

Na síntese adotada neste livro, a alma está relacionada à identidade pessoal consciente, capaz de pensar, desejar, recordar, decidir e responder moralmente diante de Deus.

O espírito está relacionado ao fôlego de vida concedido por Deus e à dimensão espiritual da existência humana.

Essas definições são iniciais. Serão examinadas e aperfeiçoadas à medida que avançarmos pelos textos bíblicos.

A tricotomia não exige que cada ocorrência das palavras “alma” e “espírito” possua um sentido técnico rígido. A Bíblia pode empregar *psychē* como vida ou pessoa e *pneuma* como vento, fôlego ou espírito, conforme o contexto.

O argumento tricotômico não é:

Existem três palavras; portanto, em toda passagem existem três significados completamente separados.

O argumento será:

Paulo reuniu e distinguiu espírito, alma e corpo ao falar da totalidade humana; Hebreus reconheceu divisão entre alma e espírito; e a morte de Cristo apresentou os três elementos em declarações distintas referentes ao mesmo Jesus.

A força da posição é cumulativa e cristocêntrica.

A interpretação dicotômica

A dicotomia compreende o homem mediante duas dimensões fundamentais:

O corpo material.

E a dimensão imaterial.

Nessa interpretação, “alma” e “espírito” podem ser considerados nomes diferentes para a mesma realidade interior ou aspectos funcionais de um único elemento imaterial.

Um defensor da dicotomia não precisa negar nenhuma das palavras bíblicas. Ele pode reconhecer que a Escritura utiliza corpo, alma e espírito, mas concluir que alma e espírito não representam elementos ontologicamente distintos.

Essa posição procura preservar a unidade do homem e explicar as passagens nas quais apenas corpo e alma, ou corpo e espírito, aparecem juntos.

A pergunta que precisará responder é:

Se alma e espírito são a mesma realidade, por que Paulo os reuniu separadamente ao falar da totalidade humana? E o que significa a divisão entre alma e espírito em Hebreus?

Além disso, será necessário verificar se a dicotomia consegue explicar, sem apagar dados do texto, o espírito entregue ao Pai, o corpo sepultado e a alma não abandonada no Hades na morte de Cristo.

Não rejeitaremos a dicotomia apenas porque possui dois elementos.

Ela será avaliada por sua capacidade de preservar toda a evidência bíblica.

A interpretação monista

O monismo enfatiza o ser humano como uma unidade indivisível.

Em suas formas mais fortes, não admite uma alma ou um espírito que subsista pessoalmente separado do corpo. O homem não possuiria componentes independentes, mas existiria como uma unidade viva.

Há maneiras diferentes de formular o monismo. Nem todos os seus defensores explicam da mesma forma a relação entre matéria, vida, consciência e ressurreição.

Sua contribuição principal é recordar que a pessoa não deve ser tratada como uma montagem acidental de peças sem relação.

Essa preocupação é legítima.

A Bíblia apresenta o homem vivendo como unidade, e a esperança cristã inclui a ressurreição corporal.

Entretanto, unidade não significa necessariamente indivisibilidade ontológica.

Se o corpo retorna ao pó e o espírito retorna a Deus, existe uma distinção a ser explicada.

Se Jesus entrega seu espírito enquanto seu corpo permanece na cruz, a morte manifesta uma separação real.

O monismo precisará demonstrar como preserva essas declarações sem reduzir tudo ao encerramento das funções corporais.

O pluralismo ou a visão multidimensional

O pluralismo antropológico não representa uma única doutrina organizada da mesma maneira por todos os seus defensores.

Neste livro, o termo será utilizado para identificar abordagens que descrevem o ser humano por múltiplas dimensões, capacidades ou relações, sem limitar sua composição a duas ou três partes.

O homem pode ser descrito como corporal, racional, emocional, moral, espiritual, social e relacional.

Essas descrições reconhecem corretamente a riqueza da existência humana.

Entretanto, faculdades e relações não são necessariamente elementos ontológicos.

A capacidade de raciocinar não precisa ser uma quarta substância.

A vida social não precisa constituir uma quinta parte do homem.

Descrever muitas dimensões de atuação pode ampliar nossa compreensão funcional sem responder à pergunta sobre a composição revelada nas Escrituras.

Por isso, o pluralismo será ouvido quando explicar a complexidade humana, mas não será utilizado para dissolver a enumeração de Paulo numa lista indefinida de funções.

O que as quatro posições desejam preservar

É útil reconhecer a preocupação central de cada interpretação.

A tricotomia procura preservar a distinção bíblica entre corpo, alma e espírito.

A dicotomia procura preservar a unidade da dimensão imaterial e explicar a proximidade entre alma e espírito.

O monismo procura preservar a unidade integral da pessoa.

A visão multidimensional procura preservar a complexidade das faculdades e relações humanas.

Essas preocupações não possuem o mesmo peso, e não podem todas estar corretas em suas conclusões finais. Mas identificá-las evita discussões superficiais.

A tricotomia defendida nesta obra não precisa negar a unidade destacada pelo monismo, a proximidade semântica observada pela dicotomia nem a complexidade lembrada pelas abordagens multidimensionais.

Ela afirma que essas observações devem permanecer subordinadas a uma distinção que as Escrituras apresentam.

Unidade não é ausência de distinções.

Sobreposição de palavras não é identidade ontológica obrigatória.

Multiplicidade de funções não substitui a composição.

Como a questão será decidida

Não decidiremos pela idade de uma tradição.

Uma interpretação pode ser antiga e ainda precisar de revisão.

Não decidiremos pelo número de seus defensores.

A verdade bíblica não é estabelecida por votação.

Também não decidiremos pela possível originalidade desta apresentação.

Uma ideia não se torna verdadeira por ser inédita nem falsa por já ter sido ensinada antes.

Aplicaremos quatro perguntas:

1. **O que a Escritura nomeia?** Examinaremos a enumeração de Paulo e a distinção apresentada em Hebreus.
2. **O que a criação une?** Observaremos corpo, fôlego e alma vivente sem forçar o vocabulário hebraico.
3. **O que a morte separa?** Examinaremos o retorno do corpo ao pó, do espírito a Deus e as narrativas dos patriarcas.
4. **O que Cristo demonstra?** Reuniremos o *pneuma* entregue ao Pai, o *sōma* colocado no sepulcro e a *psychē* não abandonada no Hades.

A ressurreição completará o exame ao mostrar que a distinção revelada na morte não produziu três sujeitos. O mesmo Jesus levantou-se vivo.

Conclusão

O debate não é uma disputa entre três palavras e duas palavras.

É uma investigação sobre aquilo que constitui o ser humano segundo a totalidade da revelação bíblica.

A tricotomia afirma corpo, alma e espírito dentro da unidade pessoal.

A dicotomia afirma corpo e dimensão imaterial, aproximando alma e espírito.

O monismo enfatiza uma unidade indivisível.

O pluralismo descreve múltiplas dimensões e funções.

Este livro defenderá a tricotomia porque entende que ela preserva melhor os textos sem apagar a unidade da pessoa.

Mas a conclusão não será exigida antes da demonstração.

Nos próximos capítulos, cada elemento do argumento será examinado.

Começaremos pelo método.

Antes de perguntar o que uma passagem parece confirmar, perguntaremos quem escreveu, para quem escreveu, em que gênero, em qual contexto e com qual propósito.

Somente depois aplicaremos cada texto à composição humana.

A tricotomia não divide o homem em três pessoas.

Reconhece distinções dentro da unidade do ser humano.

E encontrará sua confirmação final não numa abstração filosófica, mas em Jesus Cristo.

Referências principais do capítulo

- Gênesis 2.7.
- Eclesiastes 12.7.
- Lucas 23.46,52–53.
- Atos 2.27,31.
- 1 Tessalonicenses 5.23.
- Hebreus 4.12.

Capítulo 2 — Como interpretar a antropologia bíblica

A Bíblia não deve ser utilizada como um depósito de frases retiradas ao acaso.

Cada passagem foi escrita numa língua, em determinado momento, por um autor, para destinatários e com uma finalidade.

Ignorar esses elementos permite que quase qualquer opinião seja colocada dentro do texto.

Por isso, antes de estudar corpo, alma e espírito, precisamos estabelecer como os textos serão interpretados.

Não adotaremos um método para defender a tricotomia e outro para examinar as objeções.

A mesma regra será aplicada a todas as passagens.

Quando um texto favorecer nossa conclusão, respeitaremos seus limites.

Quando parecer contrariá-la, examinaremos seu contexto sem tentar silenciá-lo.

A Palavra de Deus não precisa ser protegida por exageros.

Ela precisa ser manejada com fidelidade.

Exegese e eisegese

Exegese é o trabalho de extrair do texto aquilo que ele comunica.

Eisegese é o movimento contrário: introduzir no texto uma ideia que veio do intérprete.

Na prática, ninguém se aproxima da Bíblia completamente vazio. Todos carregamos experiências, tradições, perguntas e conclusões anteriores.

O objetivo da exegese não é fingir que essas influências não existem. É submetê-las ao texto.

Quando lemos “alma”, podemos trazer uma definição aprendida na igreja, na filosofia ou na cultura popular.

Quando lemos “espírito”, podemos imaginar automaticamente uma entidade consciente, o fôlego, uma emoção ou o Espírito Santo.

Mas a pergunta correta não é:

O que esta palavra sempre significa para mim?

A pergunta correta é:

O que ela significa nesta frase, neste argumento e neste contexto?

Uma interpretação responsável começa ouvindo antes de concluir.

As perguntas fundamentais

Antes de utilizar uma passagem como prova doutrinária, devemos formular perguntas básicas.

Quem escreveu?

A autoria ajuda a compreender vocabulário, circunstâncias e relação com os destinatários.

Para quem escreveu?

Uma instrução dirigida a uma igreja perseguida pode responder a uma necessidade diferente de uma poesia destinada ao culto ou de uma narrativa sobre a criação.

Quando e em qual situação escreveu?

O contexto histórico esclarece problemas, perguntas e acontecimentos pressupostos pelo texto.

Qual é o gênero literário?

Narrativa, poesia, profecia, sabedoria e epístola comunicam a verdade por formas diferentes.

Qual é o assunto imediato?

Um texto sobre coragem diante da perseguição não precisa oferecer uma lista completa da composição humana só porque menciona corpo e alma.

Qual é a intenção da passagem?

Precisamos distinguir aquilo que o autor afirma diretamente daquilo que apenas aparece como detalhe secundário.

Essas perguntas não impedem a aplicação espiritual.

Elas protegem a aplicação contra o uso arbitrário.

Toda Escritura é inspirada

Paulo afirma:

“Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça.”

Segunda a Timóteo, capítulo 3, versículo 16.

Reconhecer diferenças de gênero não cria níveis de inspiração.

Uma poesia não é menos inspirada que uma epístola.

Uma narrativa não é menos verdadeira que uma oração.

Uma profecia não é inferior a uma explicação apostólica.

Entretanto, inspiração não elimina propósito.

Um salmo pode ensinar mediante imagens, paralelismos e linguagem afetiva. Uma narrativa pode mostrar acontecimentos sem interrompê-los para definir cada termo. Uma epístola pode organizar um argumento e responder diretamente a uma questão doutrinária.

Todos os textos são inspirados.

Nem todos pretendem realizar a mesma função.

Respeitar essa diferença é respeitar a maneira pela qual Deus decidiu comunicar sua Palavra.

O Magnificat e o paralelismo

O cântico de Maria registra:

“A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador.”

Lucas, capítulo 1, versículos 46 e 47.

O texto é plenamente inspirado.

Foi preservado por Lucas nas Escrituras e comunica uma verdade preciosa sobre a adoração, a alegria e a fé de Maria.

As duas linhas apresentam paralelismo:

Minha alma engrandece.

Meu espírito se alegra.

Os termos se aproximam na expressão da interioridade e do louvor.

Mas paralelismo não exige identidade ontológica absoluta.

Duas linhas poéticas podem repetir uma ideia, intensificá-la, ampliá-la ou apresentar aspectos relacionados. A função do paralelismo é comunicar com força, não necessariamente definir que cada palavra de uma linha seja intercambiável com a palavra correspondente da outra.

O Magnificat demonstra que alma e espírito estão envolvidos na adoração de Maria.

Não declara:

Alma e espírito são a mesma realidade e jamais podem ser distinguidos.

Essa conclusão teria de vir de outro lugar, porque não constitui o propósito do cântico.

Não estamos retirando doutrina da poesia.

Estamos retirando da poesia a doutrina que ela realmente oferece: Maria, em profunda alegria, louva a Deus com toda a sua interioridade.

O erro surgiria ao obrigar esse louvor a anular uma distinção expressa em outra passagem.

Uma oração apostólica continua ensinando

Primeira aos Tessalonicenses 5.23 aparece como oração, desejo ou bênção de Paulo:

“E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.”

Paulo não está escrevendo um verbete de dicionário.

Ele ora pela santificação e preservação integral dos cristãos.

Mas a forma de oração não torna suas palavras teologicamente vazias.

Orações apostólicas ensinam sobre Deus, sobre a Igreja, sobre a santificação e sobre a esperança cristã.

Quando Paulo nomeia espírito, alma e corpo, os três substantivos continuam possuindo significado.

Portanto, não precisamos apresentar 1 Tessalonicenses 5.23 como tratado técnico para respeitar sua enumeração.

Seu propósito é pedir a preservação da pessoa inteira.

É exatamente dentro dessa totalidade que os três termos aparecem.

O gênero e a intenção não enfraquecem a passagem.

Explicam por que a enumeração foi feita.

Palavras possuem campos de significado

Uma mesma palavra pode possuir sentidos relacionados e diferentes.

No hebraico, *nefesh* pode significar vida, pessoa, criatura vivente, desejo ou alma, conforme o contexto.

Ruach pode significar vento, fôlego ou espírito.

Neshamah pode designar sopro ou respiração.

No grego, *psychē* pode significar alma, vida ou pessoa.

Pneuma pode designar vento, fôlego, espírito humano, ser espiritual ou o Espírito Santo.

Sōma normalmente se refere ao corpo, mas o contexto ainda determina como esse corpo está sendo considerado.

Consultar os idiomas originais é importante porque permite verificar quais palavras foram empregadas e como funcionam na frase.

Entretanto, o original não é uma licença para escolher, numa lista de dicionário, o significado que melhor favorece nossa conclusão.

O contexto continua governando.

Também não devemos cometer o erro oposto.

O fato de uma palavra possuir vários sentidos não significa que ela nunca possa nomear algo específico.

Pneuma significar vento em uma passagem não impede que signifique espírito humano em outra.

Psychē significar vida em determinado texto não elimina sua referência à alma em outro.

Flexibilidade semântica não é ausência de significado.

Sobreposição não é identidade obrigatória

Alma e espírito podem ser empregados em contextos próximos.

Ambos podem relacionar-se à interioridade.

Ambos podem aparecer em declarações sobre vida, emoções, adoração ou morte.

Essa proximidade precisa ser reconhecida.

Mas duas palavras descreverem aspectos próximos não prova que sejam a mesma realidade em todos os contextos.

O contexto pode aproximá-las.

O contexto pode distingui-las.

Em Lucas 1, alma e espírito participam paralelamente do louvor.

Em 1 Tessalonicenses 5, Paulo os enumera separadamente.

Em Hebreus 4, a Palavra alcança a divisão da alma e do espírito.

Não precisamos escolher uma passagem e apagar as outras.

A interpretação harmoniosa reconhece proximidade onde existe proximidade e distinção onde o texto apresenta distinção.

Textos parciais e enumerações abrangentes

A Bíblia nem sempre repete corpo, alma e espírito juntos.

Há passagens que mencionam corpo e alma.

Outras falam de corpo e espírito.

Outras utilizam carne, coração, mente, consciência ou homem interior.

Isso não transforma cada texto numa teoria concorrente sobre a composição humana.

Um autor menciona aquilo que seu argumento exige.

O silêncio sobre um termo não é uma negação de sua existência.

Se uma passagem fala sobre a morte do corpo e a preservação da alma, seu propósito pode ser estabelecer um contraste específico. Não precisamos inserir o espírito onde o autor não o mencionou. Também não podemos utilizar sua ausência para afirmar que o espírito inexista ou seja necessariamente idêntico à alma.

Passagens parciais permanecem verdadeiras dentro de seus propósitos.

Quando encontramos uma enumeração inserida numa declaração de totalidade, ela merece peso específico para a pergunta antropológica.

Isso não significa que uma epístola seja sempre “mais inspirada” do que uma poesia.

Significa que um texto que trata mais diretamente da totalidade humana contribui de maneira mais direta para essa pergunta.

A Escritura interpreta a Escritura

Nenhuma passagem existe isolada do restante da revelação.

Um texto difícil deve ser examinado à luz do contexto imediato, do livro em que aparece e das demais passagens relacionadas ao assunto.

Esse princípio não significa procurar um versículo para cancelar outro.

Significa reunir testemunhos sem retirar nenhum deles de sua função.

Gênesis mostrará o homem tornando-se alma vivente.

Eclesiastes mostrará o pó retornando à terra e o espírito retornando a Deus.

Paulo nomeará espírito, alma e corpo.

Hebreus mencionará a divisão da alma e do espírito.

Os Evangelhos e Atos registrarão o que aconteceu com Cristo na morte.

A ressurreição confirmará que a separação não destruiu a identidade do mesmo Jesus.

A doutrina surgirá da convergência.

Não de uma frase isolada.

Cristo é o centro da harmonia

A Escritura interpreta a Escritura, e Cristo ocupa o centro dessa interpretação.

Isso não significa ignorar o sentido original de uma passagem para colocar Jesus artificialmente em cada palavra.

Significa reconhecer que a revelação encontra nele sua plenitude e que sua humanidade verdadeira possui importância decisiva para a antropologia.

Paulo apresenta uma formulação.

Cristo revela sua aplicação na morte.

A ressurreição confirma a unidade pessoal.

Se uma interpretação consegue explicar palavras isoladas, mas precisa tornar insignificante aquilo que aconteceu com Jesus, ela não alcançou a harmonia necessária.

Cristo não é um argumento acrescentado depois da exegese.

É a Pedra Angular diante da qual o resultado da exegese deve permanecer alinhado.

Declaração, inferência e síntese

Para tornar nosso caminho transparente, distinguiremos três níveis de afirmação.

Declaração direta do texto é aquilo que a passagem diz expressamente.

Exemplo:

Jesus declarou: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito.”

Inferência responsável é uma conclusão que decorre do texto, mesmo sem aparecer com as mesmas palavras.

Exemplo:

Se Jesus entregou seu espírito e depois seu corpo foi retirado da cruz, a morte manifestou distinção entre o espírito entregue e o corpo acessível aos homens.

Síntese doutrinária reúne declarações e inferências de diversas passagens numa formulação coerente.

Exemplo:

Paulo nomeou espírito, alma e corpo; a morte de Cristo apresentou os três; a ressurreição confirmou a unidade da pessoa integral.

Uma síntese não é inferior simplesmente porque não está inteira num único versículo.

Doutrinas bíblicas frequentemente são formuladas reunindo textos.

Entretanto, a síntese precisa mostrar seu caminho.

Não deve ser apresentada como citação literal quando é conclusão teológica.

Essa honestidade permite ao leitor verificar cada etapa.

Conclusão

Interpretar corretamente exige mais do que encontrar uma palavra conhecida.

Precisamos perguntar quem escreveu, para quem escreveu, quando, em qual contexto, em qual gênero e com qual propósito.

Precisamos reconhecer que toda a Escritura é inspirada e, exatamente por isso, respeitar a função de cada passagem.

O Magnificat é louvor inspirado, não uma declaração de identidade ontológica absoluta entre alma e espírito.

Primeira aos Tessalonicenses 5.23 é uma oração apostólica que continua ensinando e que nomeia três elementos dentro da totalidade humana.

Os idiomas originais ajudam a conferir as palavras, mas o contexto determina seu sentido.

Sobreposição não significa identidade obrigatória.

Menção parcial não anula enumeração abrangente.

E a síntese deve distinguir aquilo que o texto declara daquilo que concluímos ao reunir as passagens.

Essa será a disciplina dos próximos capítulos.

Não procuraremos argumentos na Bíblia para contrariar a própria Bíblia.

Procuraremos a harmonia de uma Escritura perfeita.

E permitiremos que essa harmonia encontre sua resolução final em Jesus Cristo.

Referências principais do capítulo

- Lucas 1.46–47.
- 1 Tessalonicenses 5.23–24.
- 2 Timóteo 3.16–17.
- Hebreus 4.12–13.
- 2 Pedro 3.15–16.

Capítulo 3 — Corpo, fôlego e alma vivente na criação

Para compreender o que a morte separa, precisamos começar observando o que Deus uniu na criação.

Gênesis descreve a formação do homem com poucas palavras, mas cada uma delas possui enorme importância:

“E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem tornou-se alma vivente.”

Gênesis, capítulo 2, versículo 7.

O texto apresenta três movimentos:

Deus forma o homem do pó.

Sopra em suas narinas o fôlego da vida.

E o homem torna-se um ser vivente.

Matéria formada.

Vida procedente de Deus.

Uma pessoa humana viva.

Gênesis ainda não apresenta a formulação grega de Paulo — *pneuma, psychē* e *sōma*. Também não pretende responder sozinho a todas as perguntas sobre a composição humana. Mas oferece o ponto de partida para compreender corpo, fôlego e identidade vivente.

Formado do pó da terra

O primeiro movimento é corporal.

Deus forma o homem do pó da terra.

O hebraico aproxima *adam*, homem, de *adamah*, solo ou terra. O ser humano pertence à criação material. Seu corpo não é uma ilusão nem um elemento sem valor.

O texto não utiliza em Gênesis 2.7 uma palavra específica equivalente a *sōma*. Ele descreve a origem material do homem mediante o pó da terra e o ato de Deus que o forma.

Essa precisão é importante. Não precisamos colocar no versículo uma palavra que ele não contém para reconhecer a realidade corporal que ele apresenta.

O corpo humano é obra de Deus.

Foi formado com propósito.

Permite que a pessoa ocupe lugar na criação, trabalhe, fale, sirva, cuide e se relacione com o mundo material.

Depois do pecado, Deus recordará ao homem:

“Tu és pó e ao pó tornarás.”

O corpo formado do pó é o corpo que, na morte, retorna ao pó.

Criação e morte estão relacionadas.

O que Deus formou para a vida torna-se novamente matéria sem vida quando o fôlego deixa de sustentá-lo.

Deus soprou o fôlego da vida

O segundo movimento é a concessão da vida.

Deus sopra nas narinas do homem o fôlego da vida.

A expressão hebraica utiliza *neshamah*, sopro ou respiração, na construção *nishmat chayyim*, fôlego de vida.

O homem não produz a própria vida.

O corpo formado do pó não se levanta por capacidade própria.

É Deus quem concede o fôlego.

Isso não significa que o espírito humano seja uma parte da essência divina desprendida de Deus. A criatura não é um fragmento do Criador. A vida é concedida por Deus e permanece inteiramente dependente dele.

Em outros textos, a Bíblia emprega *ruach* para vento, fôlego ou espírito. *Neshamah* e *ruach* possuem usos que podem aproximar-se quando falam da respiração e da vida recebida, mas não devem ser tratados como se fossem sempre a mesma palavra em todos os contextos.

Na síntese tricotômica deste livro, o fôlego concedido por Deus está relacionado ao espírito como princípio da vida corporal. Essa relação será confirmada quando Eclesiastes declarar que o espírito retorna a Deus, que o concedeu, e quando Jesus entregar seu *pneuma* ao Pai antes de expirar.

Gênesis apresenta o começo.

A morte mostrará a separação.

Cristo oferecerá a demonstração completa.

O homem tornou-se *nefesh chayyah*

Depois de formar o corpo e soprar o fôlego, Deus faz com que o homem se torne *nefesh chayyah*.

A expressão pode ser traduzida como:

Alma vivente.

Ser vivente.

Pessoa viva.

Ou criatura vivente, conforme o contexto.

O verbo é importante.

O homem **tornou-se** *nefesh chayyah*.

O versículo não diz literalmente que Deus colocou dentro do corpo um objeto chamado alma. Descreve o resultado da ação criadora: o homem passou a existir como ser humano vivo.

Por isso, a conhecida fórmula:

Corpo formado mais fôlego de vida resulta em alma vivente

pode ser utilizada como recurso didático.

Ela ajuda a visualizar o movimento do texto.

Mas não deve ser apresentada como tradução matemática do hebraico nem como prova suficiente de toda a tricotomia.

Gênesis 2.7 descreve como o homem começou a viver. A distinção completa entre corpo, alma e espírito será estabelecida pela reunião de outras passagens, especialmente pela formulação de Paulo e pela morte de Cristo.

Dentro da compreensão defendida neste livro, a alma está relacionada à identidade consciente e pessoal que surge na vida humana criada por Deus.

O corpo fornece a dimensão material.

O espírito, relacionado ao fôlego concedido por Deus, sustenta a vida.

E o ser humano vive como pessoa consciente diante do Criador.

Nefesh não possui uma única tradução

A palavra *nefesh* apresenta diferentes sentidos nas Escrituras.

Pode designar vida.

Pode referir-se à pessoa inteira.

Pode expressar desejo, interioridade ou a própria pessoa falando de si.

Pode também aparecer na expressão “ser vivente”.

Por isso, não devemos traduzir mecanicamente cada ocorrência como “alma imaterial”.

O contexto precisa decidir.

Essa flexibilidade não enfraquece a antropologia tricotômica. Pelo contrário, impede que nossa doutrina dependa de uma tradução artificial.

Quando *nefesh* aponta para vida ou criatura, deve ser compreendida assim.

Quando o texto destaca identidade pessoal, a palavra recebe essa função no contexto.

E quando a Septuaginta traduz *nefesh* por *psychē* no Salmo 16, e Pedro aplica essa profecia a Cristo, a relação com a alma do Messias precisa igualmente ser respeitada.

Não é a mesma tradução em toda parte.

É o mesmo princípio de interpretação: permitir que cada texto fale conforme seu propósito.

Os animais também são chamados seres viventes

Antes de Gênesis chamar o homem de *nefesh chayyah*, a expressão já havia sido aplicada aos animais.

Em Gênesis 1, as águas produzem seres viventes. Criaturas marinhas e animais terrestres são descritos com o vocabulário de *nefesh chayyah*.

Isso precisa ser reconhecido com honestidade.

Não podemos afirmar que a presença de *nefesh* prove, em toda ocorrência, uma alma humana consciente e imortal. Se fizéssemos isso, precisaríamos impor exatamente o mesmo significado técnico aos animais mencionados no texto.

Nessas passagens, *nefesh chayyah* significa criatura viva ou ser vivente.

O vocabulário comum demonstra que homens e animais recebem vida do mesmo Criador.

Ambos respiram.

Ambos dependem de Deus.

Ambos possuem corpos pertencentes à criação material.

E ambos morrem.

Mas compartilhar o vocabulário da vida não significa possuir composição, vocação e responsabilidade idênticas.

Os animais também possuem fôlego

Nos relatos do dilúvio, Gênesis fala de toda carne na qual havia *ruach chayyim*: espírito ou fôlego de vida.

Esse vocabulário alcança as criaturas que respiram.

Eclesiastes também observa que homens e animais possuem o mesmo fôlego e compartilham a mortalidade corporal. Como morre um, morre o outro. Todos procedem do pó e ao pó retornam.

O texto não está dizendo que homens e animais possuem a mesma identidade ontológica em todos os aspectos.

Está colocando diante do orgulho humano uma realidade incontestável:

Quanto à vida corporal, somos criaturas dependentes.

Respiramos porque Deus sustenta a vida.

Morremos porque não possuímos imortalidade autônoma.

O uso de *ruach* para animais mostra que a palavra pode designar o fôlego vital sem, em cada ocorrência, definir uma dimensão moral ou espiritual equivalente à do homem.

Portanto, neste estudo, não utilizaremos a simples presença de *ruach* ou *nefesh* para igualar animais e seres humanos.

Examinaremos a função das palavras no contexto.

O que distingue o homem dos animais

A distinção fundamental aparece antes mesmo de Gênesis 2.7:

“Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança.”

Somente o ser humano é apresentado dessa maneira.

Homens e animais são criaturas.

Ambos recebem vida.

Ambos possuem capacidades adequadas à natureza que Deus lhes concedeu.

Os animais percebem, aprendem, comunicam-se, recordam e manifestam comportamentos que podem nos surpreender. Não precisamos negar essas capacidades para preservar a singularidade humana.

O que a Bíblia estabelece é uma posição distinta para o homem:

Foi criado à imagem e semelhança de Deus.

Recebeu responsabilidade sobre a criação.

Recebeu mandamento moral.

Foi chamado à comunhão, à obediência e à prestação de contas.

Possui dignidade especial, razão pela qual o derramamento de sangue humano recebe tratamento singular depois do dilúvio.

Na compreensão deste livro, a alma humana está relacionada à identidade pessoal consciente e moral que responde diante de Deus. Os textos que chamam animais de *nefesh chayyah* não lhes atribuem, por essa expressão, a mesma responsabilidade, identidade moral e destino apresentados para o homem.

O termo compartilhado descreve vida.

A imagem de Deus estabelece a distinção.

O que Gênesis permite concluir

Podemos novamente separar os níveis da afirmação.

O texto declara:

- Deus formou o homem do pó da terra.
- Deus soprou em suas narinas o fôlego da vida.
- O homem tornou-se *nefesh chayyah*.
- Animais também são chamados *nefesh chayyah*.
- Homens e animais recebem de Deus o fôlego que sustenta a vida.
- Somente o homem é explicitamente criado à imagem e semelhança de Deus.

Os textos permitem concluir:

- O ser humano possui dimensão material e vida recebida de Deus.
- *Nefesh* e *ruach* não podem receber uma tradução técnica única em todas as passagens.
- Vocabulário comum de vida não elimina a singularidade humana.

Esta obra sintetiza:

O corpo formado recebe de Deus o fôlego que sustenta a vida, e o homem passa a existir como pessoa viva e consciente. Essa estrutura prepara, sem completar sozinha, a antropologia tricotômica revelada mais claramente no Novo Testamento.

Conclusão

O homem veio do pó, mas não recebeu do pó a própria vida.

Deus formou.

Deus soprou.

E o homem tornou-se alma vivente.

O corpo pertence à criação material.

O fôlego procede da ação do Criador.

A alma vivente identifica o ser humano que passou a viver diante de Deus.

Os animais também são criaturas viventes e recebem fôlego. Isso demonstra que *nefesh* e *ruach* podem descrever vida sem possuir em todas as ocorrências o sentido técnico que terão em nossa síntese antropológica.

Entretanto, o homem ocupa uma posição singular.

Foi criado à imagem de Deus.

Recebeu responsabilidade moral.

Foi chamado a conhecer, obedecer e representar o Criador na terra.

Compartilhar vida e fôlego não significa compartilhar integralmente identidade, vocação e responsabilidade diante de Deus.

No próximo capítulo, veremos o que a morte desfaz. O corpo retornará ao pó, o espírito retornará a Deus, e a morte dos patriarcas nos ajudará a compreender a separação que será definitivamente demonstrada em Cristo.

Referências principais do capítulo

- Gênesis 1.20–28.
- Gênesis 2.7,15–19.
- Gênesis 3.19.
- Gênesis 6.17–20; 7.21–22.
- Gênesis 9.5–6.
- Eclesiastes 3.18–21.

Nota técnica para revisão e apêndice

- Gênesis 2.7 não emprega *ruach* nem uma palavra hebraica específica para “corpo”. O texto fala do homem formado do pó e de *nishmat chayyim*, “fôlego de vida”.
- O homem “tornou-se” *nefesh chayyah*, expressão traduzível como alma vivente, ser vivente ou pessoa viva.
- Gênesis 1.20,21 e 24 aplica *nefesh chayyah* às criaturas animais; nesses contextos, a expressão designa seres ou criaturas vivas.

- Gênesis 6.17 emprega *ruach chayyim* para o fôlego ou espírito de vida existente em toda carne que seria atingida pelo dilúvio.
- Eclesiastes 3.19 emprega *ruach* ao afirmar que homens e animais compartilham o mesmo fôlego na mortalidade corporal.
- A fórmula “corpo mais espírito resulta em alma” é um recurso didático derivado da sequência de Gênesis 2.7, não uma tradução literal nem uma demonstração completa da tricotomia.

Capítulo 4 — O que a morte revela sobre o homem

No capítulo anterior, observamos o que Deus uniu na criação.

O homem foi formado do pó da terra, recebeu de Deus o fôlego da vida e tornou-se *nefesh chayyah*: alma vivente, ser vivente, pessoa viva.

Agora precisamos observar o movimento contrário.

O que acontece quando a vida corporal termina?

A morte não cria a composição humana, mas revela uma separação dentro daquela unidade que existia durante a vida terrena.

Enquanto o homem vive, corpo, alma e espírito pertencem à mesma pessoa. Não existem três pessoas independentes. Existe um único ser humano vivendo, pensando, decidindo e relacionando-se com Deus por meio dessa unidade.

Na morte, porém, o corpo deixa de viver.

O fôlego se retira.

E a pessoa que morreu não pode ser reduzida à matéria deixada no sepulcro.

O Antigo Testamento ainda não reúne, numa única declaração, os termos gregos que Paulo empregará — *pneuma, psychē* e *sōma*. Entretanto, ele fornece elementos essenciais para compreendermos o que a morte desfaz temporariamente.

O pó retorna à terra

Eclesiastes descreve a chegada da velhice e da morte utilizando uma linguagem profundamente poética.

O corpo enfraquece.

Os sentidos perdem o vigor.

As atividades cessam.

O homem caminha para sua morada duradoura, enquanto os que pranteiam percorrem as ruas.

Então o escritor conclui:

“E o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu.”

Eclesiastes, capítulo 12, versículo 7.

A declaração nos conduz de volta a Gênesis.

O corpo foi formado do pó.

Na morte, retorna ao pó.

O texto não está desprezando o corpo. Está descrevendo o fim de sua condição vivente. A matéria que havia sido organizada e sustentada para a vida deixa de funcionar como corpo vivo e entra no processo de decomposição.

A morte corporal é real.

O corpo já não respira, não fala, não percebe nem atua no mundo material.

Por isso, dizer que a morte é separação não significa negar que o corpo morreu. Significa reconhecer que aquilo que retorna ao pó não esgota tudo o que as Escrituras dizem sobre o ser humano.

O espírito retorna a Deus

Na segunda parte do versículo, Eclesiastes declara que o espírito retorna a Deus, que o concedeu.

A palavra hebraica é *ruach*.

Dependendo do contexto, *ruach* pode significar vento, fôlego ou espírito. Aqui, a relação com a vida recebida de Deus é direta: quando a existência corporal termina, o pó retorna à terra e o *ruach* retorna ao Doador.

O texto não diz que o espírito se transforma em nada.

Também não diz que a criatura se dissolve na essência de Deus.

O espírito pertence à criatura, mas sua origem e sustentação dependem do Criador. Retornar a Deus não significa que o homem seja uma parcela da divindade. Significa que o princípio de vida concedido por Deus volta ao domínio daquele que o deu.

Na compreensão adotada neste livro, o espírito está relacionado ao fôlego procedente de Deus que mantém a vida corporal. Quando o espírito deixa o corpo, a carne morre.

Podemos, portanto, afirmar com cuidado:

O corpo morre e retorna ao pó.

O espírito não é descrito como destruído; é descrito como retornando a Deus.

Essa distinção já impede que a morte seja interpretada como simples aniquilação de tudo o que constituía o homem.

O que Eclesiastes compara entre homens e animais

Antes de declarar que o pó retorna à terra e o espírito retorna a Deus, Eclesiastes havia comparado a mortalidade humana à dos animais:

“Como morre um, assim morre o outro; todos têm o mesmo fôlego.”

Eclesiastes, capítulo 3, versículo 19.

Homens e animais respiram.

Ambos dependem de Deus para viver.

Ambos possuem corpos materiais.

E ambos experimentam a morte corporal.

Nesse sentido, o mesmo acontecimento os alcança: a respiração cessa e a matéria retorna ao pó.

O objetivo de Eclesiastes é humilhar a pretensão do homem que imagina possuir vida autônoma. Observada apenas sob a realidade da mortalidade, a carne humana não pode vangloriar-se diante das outras criaturas.

Mas o texto não afirma que homens e animais sejam iguais em toda a sua constituição.

Também não oferece, naquele momento, uma definição completa da alma humana.

O fato de Eclesiastes mencionar corpo e fôlego não constitui uma negação da alma. O autor está tratando do aspecto comum que deseja ressaltar: a fragilidade da vida corporal.

O silêncio de uma passagem não pode ser transformado numa declaração contrária ao que outras passagens ensinam.

Se um texto fala do corpo e do espírito, não podemos inserir nele uma explicação que ele não pretende dar. Mas também não podemos concluir que a alma inexista simplesmente porque não foi mencionada.

Como vimos, o vocabulário de *nefesh* e *ruach* pode ser aplicado aos animais quando significa criatura viva e fôlego de vida. Isso não lhes atribui automaticamente a identidade moral, a responsabilidade e a posição concedidas ao homem feito à imagem de Deus.

Eclesiastes compara a mortalidade.

Não apaga a singularidade humana estabelecida na criação.

A morte dos patriarcas

As narrativas dos patriarcas apresentam uma sequência significativa de expressões.

Sobre Abraão, está escrito:

“E Abraão expirou, morrendo em boa velhice, velho e farto de dias; e foi reunido ao seu povo.”

Gênesis, capítulo 25, versículo 8.

No versículo seguinte, seus filhos Isaque e Ismael o sepultaram na caverna de Macpela.

O relato distingue os acontecimentos:

Abraão expirou.

Abraão morreu.

Foi reunido ao seu povo.

E seu corpo foi sepultado.

Sobre Isaque, lemos uma construção semelhante:

“E Isaque expirou, e morreu, e foi reunido ao seu povo, velho e farto de dias; e Esaú e Jacó, seus filhos, o sepultaram.”

Gênesis, capítulo 35, versículo 29.

Na morte de Jacó, o texto registra:

“Acabando Jacó de dar instruções a seus filhos, recolheu os pés na cama, expirou e foi reunido ao seu povo.”

Gênesis, capítulo 49, versículo 33.

Seu corpo ainda seria embalsamado no Egito, conduzido até Canaã e sepultado na caverna de Macpela. Portanto, no relato de Jacó, “ser reunido ao seu povo” não pode ser identificado simplesmente com o instante do sepultamento corporal.

A expressão não oferece, por si só, uma descrição completa do estado dos mortos. Gênesis não interrompe a narrativa para explicar como essa reunião acontece.

Mesmo assim, a linguagem não reduz o patriarca ao cadáver.

O corpo teria um destino visível: o sepulcro.

O patriarca é descrito como reunido ao seu povo.

Existe, no mínimo, uma distinção literária entre a pessoa que expirou e o corpo que depois recebeu sepultamento.

O significado de *gāwaʿ*

O verbo traduzido como “expirar” é *gāwaʿ*.

Ele comunica a ideia de expirar, dar o último suspiro ou chegar ao fim da vida.

O termo aparece nas mortes de Abraão, Ismael, Isaque e Jacó. Também pode ser empregado em outros contextos, inclusive a respeito de criaturas atingidas pelo dilúvio.

Por isso, não devemos apresentá-lo como uma palavra sagrada reservada exclusivamente à morte dos patriarcas ou dos servos fiéis.

Seu valor para este estudo está no acontecimento que descreve.

O ser vivente expira.

O fôlego deixa de sustentar a carne.

O corpo morre.

Isso se harmoniza com Eclesiastes: o pó retorna à terra, e o espírito retorna a Deus, que o concedeu.

Não precisamos atribuir ao verbo aquilo que ele não diz. *Gāwaʿ* não é, sozinho, uma demonstração completa da tricotomia. Ele identifica o término da respiração e da vida corporal.

Entretanto, quando colocado ao lado das demais declarações bíblicas, participa de um quadro coerente:

A vida corporal depende do fôlego concedido por Deus.

Quando esse fôlego se retira, o corpo morre.

E o ser humano não é apresentado apenas como os restos mortais colocados numa sepultura.

A morte como separação

Durante a vida terrena, o homem existe como uma unidade.

Seu corpo não vive separado do espírito.

Sua identidade não atua neste mundo sem o corpo.

Corpo, alma e espírito pertencem a uma única pessoa.

A morte rompe essa unidade terrena.

O corpo retorna à matéria.

O espírito retorna a Deus.

E a identidade pessoal não pode ser reduzida ao corpo sem vida.

Esta é a leitura tricotômica que começa a emergir dos textos examinados.

Eclesiastes não apresenta uma teoria completa da alma.

Gênesis não oferece uma exposição sistemática sobre o destino intermediário.

O verbo *gāwaʿ* não resolve sozinho a antropologia humana.

Mas cada elemento ocupa seu lugar:

- A criação mostra o pó recebendo o fôlego e tornando-se uma pessoa viva.
- A morte mostra o pó e o espírito seguindo destinos distintos.
- Os relatos patriarcais distinguem o ato de expirar, a morte, a reunião ao povo e o sepultamento.
- O silêncio sobre a alma em determinado versículo não anula sua existência nem sua distinção em outras passagens.

Não estamos construindo uma doutrina sobre uma palavra isolada.

Estamos reconhecendo uma direção que atravessa os textos e será declarada com maior clareza no Novo Testamento.

O que podemos afirmar até aqui

Precisamos novamente distinguir texto, inferência e síntese.

Os textos declaram:

- O homem foi formado do pó e tornou-se ser vivente pelo fôlego concedido por Deus.
- Homens e animais compartilham a mortalidade corporal e o fôlego da vida.
- Na morte humana, o pó retorna à terra e o espírito retorna a Deus, que o concedeu.
- Abraão e Isaque expiraram, morreram, foram reunidos ao seu povo e tiveram seus corpos sepultados.
- Jacó expirou e foi reunido ao seu povo antes de seu corpo ser levado do Egito para o sepultamento em Canaã.

Os textos permitem concluir:

- A morte envolve a separação entre a carne e o princípio de vida procedente de Deus.
- "Ser reunido ao seu povo" não deve ser automaticamente reduzido ao sepultamento físico.
- A menção do corpo e do espírito em Eclesiastes não constitui uma negação da alma.

Esta obra sintetiza:

A morte desfaz temporariamente a unidade da existência terrena: o corpo retorna ao pó, o espírito retorna a Deus, e a identidade pessoal não se reduz à matéria sepultada.

Essa síntese ainda precisa receber uma formulação apostólica explícita e uma demonstração completa.

É exatamente o que encontraremos nos próximos capítulos.

Conclusão

A morte permite enxergar aquilo que, durante a vida, permanece unido.

O corpo que veio do pó retorna ao pó.

O espírito que procede da dádiva de Deus retorna ao Doador.

E o homem que morreu não é definido apenas pelo lugar onde seu corpo foi depositado.

Os patriarcas expiraram.

Seus corpos foram sepultados.

E eles foram reunidos ao seu povo.

Não precisamos transformar essas expressões numa descrição que ultrapasse o texto. Também não temos autorização para esvaziá-las.

O Antigo Testamento prepara o caminho.

No próximo capítulo, Paulo nomeará a totalidade humana de forma direta: espírito, alma e corpo.

Depois, olharemos para Jesus Cristo.

Nele, aquilo que a criação iniciou, que a morte separou e que Paulo distinguiu será demonstrado de maneira cristocêntrica.

Referências principais do capítulo

- Gênesis 2.7.
- Gênesis 6.17; 7.21–22.
- Gênesis 25.7–10.
- Gênesis 35.28–29.
- Gênesis 49.29–33; 50.1–13.
- Eclesiastes 3.18–21.
- Eclesiastes 12.1–7.

Nota técnica para revisão e apêndice

- Eclesiastes 12.7 emprega *ruach* ao declarar que o espírito ou fôlego retorna a Deus, que o concedeu.
- Eclesiastes 3.19 afirma que homens e animais possuem "um mesmo *ruach*" no contexto da respiração, mortalidade e retorno ao pó.
- O verbo *gāwaʿ* significa expirar ou chegar ao fim da vida; não deve ser tratado como termo exclusivo para a morte dos justos.
- Gênesis 25.8 registra, a respeito de Abraão, *gāwaʿ*, morte e reunião ao seu povo; o sepultamento aparece no versículo seguinte.
- Gênesis 35.29 registra, a respeito de Isaque, expiração, morte, reunião ao seu povo e sepultamento.
- Gênesis 49.33 registra que Jacó expirou e foi reunido ao seu povo; seu embalsamamento, traslado e sepultamento aparecem posteriormente.
- "Reunido ao seu povo" não deve ser reduzido automaticamente ao sepultamento, mas também não deve ser usado sozinho para construir uma descrição completa do estado intermediário.

Capítulo 5 — Paulo nomeia a totalidade humana

Existem passagens que desenvolvem uma doutrina ao longo de muitos versículos.

Outras concentram uma verdade imensa numa única declaração.

É o que encontramos perto do encerramento da Primeira Carta aos Tessalonicenses:

“E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.”

Primeira aos Tessalonicenses, capítulo 5, versículo 23.

Essa declaração constitui o fundamento apostólico da antropologia defendida neste livro.

Paulo fala da totalidade do cristão e reúne três termos:

Espírito.

Alma.

E corpo.

No grego:

Pneuma.

Psychē.

E *sōma.*

Antes de procurar uma maneira de aproximar ou eliminar esses termos, devemos começar pelo dado mais simples: o apóstolo os escreveu e os distinguiu.

Uma igreja chamada à santificação

Paulo escreveu a uma comunidade cristã real, jovem e cercada por oposição.

Os tessalonicenses haviam abandonado os ídolos para servir ao Deus vivo e verdadeiro. Ao mesmo tempo, precisavam crescer em santidade, amor, perseverança e entendimento acerca da vinda de Cristo.

No capítulo final da carta, Paulo apresenta uma sequência de orientações práticas:

Vivam em paz.

Consolem os desanimados.

Sustentem os fracos.

Sejam pacientes.

Não retribuam mal com mal.

Alegrem-se sempre.

Orem sem cessar.

Examinem todas as coisas.

Retenham o bem.

Abstenham-se de toda forma de mal.

Depois de convocar os cristãos à obediência, Paulo aponta para aquele que realiza neles aquilo que não poderiam completar por força própria:

“O mesmo Deus de paz vos santifique completamente.”

No versículo seguinte, acrescenta:

“Fiel é o que vos chama, o qual também o fará.”

O contexto é santificação.

Deus não reivindica somente uma atividade religiosa do homem. Ele santifica a pessoa inteira.

É dentro dessa totalidade que Paulo nomeia espírito, alma e corpo.

Oração apostólica também ensina

A passagem possui a forma de oração, desejo ou bênção apostólica.

Paulo pede que Deus santifique e preserve os cristãos.

Isso não torna sua declaração doutrinariamente vazia.

Uma oração continua empregando palavras com significado. Uma bênção continua comunicando verdade. O fato de Paulo estar orando não transforma três substantivos em um só nem permite que sejam descartados.

As próprias cartas apostólicas contêm outras orações carregadas de ensino.

Quando Paulo pede que os filipenses cresçam em amor, conhecimento e discernimento, sua oração ensina sobre a vida cristã.

Quando pede que os efésios sejam fortalecidos no homem interior, ensina sobre a atuação de Deus no cristão.

Quando ora para que os colossenses sejam cheios do conhecimento da vontade divina, continua instruindo a Igreja.

Não precisamos escolher entre oração e doutrina.

Primeira aos Tessalonicenses 5.23 é uma oração apostólica com conteúdo doutrinariamente relevante.

E, nessa oração, Paulo distingue espírito, alma e corpo.

A totalidade no texto grego

Duas expressões ressaltam a abrangência da passagem.

A primeira comunica a ideia de santificação completa.

A segunda fala da preservação integral.

Paulo não pede que Deus santifique apenas o comportamento visível nem somente aquilo que acontece no interior. Sua oração contempla tudo o que constitui a pessoa.

É então que aparece a expressão:

To pneuma kai hē psychē kai to sōma.

O espírito, e a alma, e o corpo.

Os três substantivos possuem seus próprios artigos.

To pneuma.

Hē psychē.

To sōma.

Eles são unidos pela conjunção “e”, mas não perdem sua identidade lexical.

Pneuma não é a mesma palavra que *psychē*.

Psychē não é a mesma palavra que *sōma*.

Paulo reuniu os três para falar de uma única totalidade humana.

Isso nos protege de dois erros.

O primeiro seria apagar as distinções e tratar a enumeração como se o apóstolo tivesse repetido a mesma palavra três vezes.

O segundo seria imaginar três pessoas independentes dentro do homem.

Paulo não apresenta três sujeitos.

Apresenta uma pessoa integral, descrita mediante espírito, alma e corpo.

Temos unidade sem confusão.

Distinção sem desintegração.

O que Paulo afirma e o que ainda será demonstrado

Paulo não interrompe a carta para definir detalhadamente a função de cada elemento.

Não explica nesse versículo como alma e espírito se relacionam durante cada experiência humana.

Não descreve o que acontece com os três no momento da morte.

Entretanto, essas ausências não anulam aquilo que está presente.

O texto afirma diretamente:

- existe uma totalidade humana que deve ser santificada e preservada;
- nessa totalidade, Paulo nomeia espírito, alma e corpo;
- os três termos pertencem aos mesmos cristãos;
- a pessoa continua sendo uma, embora os termos sejam distinguíveis.

A interpretação tricotômica conclui que Paulo nomeia três dimensões reais da constituição humana.

Essa conclusão não ficará dependente de uma enumeração isolada. Nos capítulos seguintes, veremos o que aconteceu com o espírito, o corpo e a alma de Jesus em sua morte.

Paulo fornece a formulação.

Cristo fornecerá a demonstração.

Alma e espírito podem possuir usos próximos

As palavras *psychē* e *pneuma* possuem campos de significado amplos.

Conforme o contexto, *psychē* pode significar alma, vida, pessoa ou ser vivente.

Pneuma pode significar vento, sopro, espírito humano, ser espiritual ou o Espírito Santo.

Reconhecer essa variedade é parte da exegese responsável.

Mas palavras diferentes poderem aproximar-se em determinados contextos não significa que sejam ontologicamente idênticas em todos os contextos.

Duas palavras podem referir-se à interioridade humana sem serem obrigatoriamente equivalentes.

Uma passagem pode destacar aquilo que possuem em comum.

Outra pode distingui-las.

É por isso que o contexto não pode ser substituído por uma regra mecânica.

Não defenderemos a tricotomia fingindo que *psychē* e *pneuma* sempre possuem sentidos rigidamente separados.

Também não aceitaremos que a existência de usos próximos seja empregada para apagar a distinção explícita feita por Paulo.

A Palavra alcança a divisão da alma e do espírito

Hebreus 4.12 oferece um testemunho convergente:

“Porque a Palavra de Deus é viva e eficaz, e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até à divisão da alma e do espírito, das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração.”

O objetivo principal do texto é exaltar o alcance da Palavra de Deus.

Nada no homem permanece escondido diante dela.

A Palavra alcança aquilo que o discernimento humano não consegue penetrar e expõe pensamentos e intenções diante de Deus.

Mas observe como o autor comunica essa profundidade:

Ele menciona alma e espírito.

E fala de divisão entre eles.

A linguagem não deve ser tratada como se a Palavra penetrasse até uma distinção completamente inexistente. A imagem possui força justamente porque alcança aquilo que, aos olhos humanos, é difícil distinguir.

Hebreus não precisa sustentar sozinho toda a antropologia tricotômica. Seu tema imediato não é apresentar uma lista completa da composição humana.

Mesmo assim, o versículo confirma uma possibilidade decisiva:

Alma e espírito podem ser distinguidos pela Palavra de Deus.

Paulo os nomeia separadamente.

Hebreus fala de sua divisão.

Esses testemunhos não devem ser colocados um contra o outro nem esvaziados para proteger uma teoria anterior.

Textos parciais não anulam a enumeração completa

A Bíblia nem sempre menciona corpo, alma e espírito na mesma passagem.

Em alguns textos, encontramos corpo e alma.

Em outros, carne e espírito.

Em outros, coração, mente, consciência e forças.

Isso não produz contradição.

Cada autor pode mencionar somente os aspectos necessários ao assunto que está tratando.

Quando uma passagem fala de corpo e espírito, o silêncio sobre a alma não significa que ela deixou de existir.

Quando outra fala de corpo e alma, a ausência da palavra espírito não constitui uma declaração de que alma e espírito sejam idênticos.

Uma descrição parcial não revoga uma enumeração mais abrangente.

O erro está em utilizar aquilo que um texto não pretende explicar para apagar aquilo que outro declarou claramente.

Primeira aos Tessalonicenses 5.23 continua sendo a enumeração apostólica mais direta da totalidade humana:

Espírito.

Alma.

Corpo.

A autoridade do ensino apostólico

A importância dessa declaração não depende da formação rabínica de Paulo nem de sua capacidade intelectual, embora ele fosse um homem instruído.

Sua autoridade nasce do chamado de Cristo.

Paulo afirma que o Evangelho anunciado por ele não teve origem humana, mas foi recebido mediante revelação de Jesus Cristo.

Isso não significa que cada frase de suas cartas tenha sido ditada isoladamente pelo Senhor sem participação de sua personalidade, vocabulário e contexto. Significa que seu ministério e ensino apostólico foram recebidos sob a autoridade de Cristo e preservados nas Escrituras.

Pedro também reconhece a sabedoria concedida a Paulo. Ao mencionar suas cartas, afirma que nelas existem assuntos difíceis, que pessoas ignorantes e instáveis distorcem, assim como fazem com as demais Escrituras.

Essa observação é importante por duas razões.

Primeiro, Pedro reconhece que Paulo recebeu sabedoria.

Segundo, adverte que seus escritos podem ser torcidos.

Portanto, não tratamos 1 Tessalonicenses 5.23 como opinião particular de um homem tentando construir uma filosofia concorrente.

Recebemos a declaração como ensino apostólico pertencente à Palavra de Deus.

O primeiro pilar da demonstração

Podemos agora resumir o capítulo em três níveis.

O texto declara:

Paulo reuniu *pneuma, psychē* e *sōma* ao pedir que Deus santificasse e preservasse integralmente os cristãos.

O texto permite concluir:

Os três termos podem ser distinguidos sem transformar o ser humano em três pessoas.

Esta obra sustenta:

O ser humano é uma unidade constituída de espírito, alma e corpo.

Não afirmamos que uma única passagem responda a todas as questões possíveis.

Também não permitimos que aquilo que Paulo escreveu seja reduzido a uma enumeração sem significado.

Só pelo fato de o apóstolo ter reunido e distinguido os três ao falar da totalidade humana, essa distinção já deve ser respeitada.

O próximo passo será olhar para Jesus Cristo.

Antes de examinarmos sua morte, precisaremos estabelecer que o Filho verdadeiramente se fez um de nós. Sua divindade não anulou sua humanidade, e sua humanidade não foi incompleta.

Quando essa verdade estiver firmada, poderemos observar o que aconteceu com seu espírito, sua alma e seu corpo.

Paulo nomeou a totalidade.

Em Cristo, veremos sua aplicação.

Referências principais do capítulo

- Gálatas 1.11–17.
- Filipenses 1.9–11.
- Colossenses 1.9–12.
- 1 Tessalonicenses 1.9–10; 4.1–8; 5.12–24.
- Hebreus 4.12–13.
- 2 Pedro 3.15–16.

Nota técnica para revisão e apêndice

- 1 Tessalonicenses 5.23 contém *to pneuma kai hē psychē kai to sōma*: “o espírito, e a alma, e o corpo”. Os três substantivos são distintos e aparecem articulados.
- Os termos relacionados à santificação completa e à preservação integral ressaltam que Paulo contempla a pessoa inteira.
- Hebreus 4.12 contém a expressão *merismou psychēs kai pneumatos*: “divisão da alma e do espírito”. O tema principal é o poder penetrante da Palavra, mas a formulação reconhece que alma e espírito podem ser distinguidos.
- Gálatas 1.11–12 afirma que o Evangelho anunciado por Paulo não era de origem humana, mas recebido mediante revelação de Jesus Cristo.
- 2 Pedro 3.15–16 reconhece a sabedoria concedida a Paulo e relaciona suas cartas às demais Escrituras.

Capítulo 6 — Ele verdadeiramente se fez um de nós

Paulo nomeou espírito, alma e corpo ao falar da totalidade humana.

Mas a demonstração deste livro não terminará numa enumeração.

Ela precisa chegar a Jesus Cristo.

Antes de observarmos sua morte, porém, uma verdade deve permanecer absolutamente firme:

Jesus não parecia humano.

Não utilizou um corpo como simples aparência.

Não assumiu somente uma parte da nossa constituição.

Ele verdadeiramente se fez um de nós.

Permaneceu plenamente Deus e tornou-se plenamente homem.

Por isso, aquilo que as Escrituras registraram sobre seu espírito, sua alma e seu corpo possui importância decisiva para a antropologia cristã.

O Verbo se fez carne

O Evangelho de João começa antes do nascimento em Belém:

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.”

O Filho não começou a existir quando nasceu de Maria.

Ele é o Verbo eterno.

Estava com Deus.

Era Deus.

Todas as coisas foram feitas por meio dele.

Então João declara:

“E o Verbo se fez carne e habitou entre nós.”

No grego:

Ho Logos sarx egeneto.

O Verbo se fez carne.

O sujeito da frase permanece o mesmo. Aquele que era Deus se fez carne sem deixar de ser o Verbo.

Ele não abandonou a divindade para tornar-se homem. Também não misturou as duas realidades de modo que deixasse de ser verdadeiramente Deus ou verdadeiramente homem.

O Filho eterno assumiu nossa humanidade.

Um único Cristo.

Plenamente Deus.

Plenamente homem.

Confessar que Jesus veio em carne

A realidade da encarnação é tão importante que João a apresenta como critério de discernimento:

“Todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus Cristo não procede de Deus.”

Negar que Jesus veio em carne atinge o próprio Evangelho.

Se sua humanidade fosse somente aparência, seu sofrimento seria aparência.

Sua morte seria aparência.

Seu sepultamento seria aparência.

E a ressurreição corporal perderia seu sentido.

João não permite uma fé em Cristo separada da encarnação real.

Entretanto, precisamos aplicar essa passagem com precisão. Uma pessoa pode interpretar a constituição humana de maneira diferente da apresentada neste livro sem, por isso, estar automaticamente negando que Jesus veio em carne. Não utilizaremos as palavras de João para condenar indiscriminadamente todos os que defendem a dicotomia ou outra antropologia.

Nosso argumento é outro:

Se confessamos que Cristo assumiu humanidade verdadeira, precisamos levar a sério tudo o que as Escrituras dizem sobre essa humanidade.

E as Escrituras falam de seu corpo, de sua alma e de seu espírito.

Participou de carne e sangue

Hebreus explica por que a encarnação era necessária:

“Visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas.”

O Filho veio salvar seres humanos e participou da condição daqueles que veio resgatar.

O texto prossegue:

“Convinha que, em tudo, fosse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote.”

“Em tudo” não significa que Jesus participou do pecado.

O mesmo livro declara que ele foi tentado à nossa semelhança, mas sem pecado.

O pecado não é parte indispensável da humanidade. É sua corrupção.

Cristo assumiu aquilo que pertence à verdadeira natureza humana sem participar da rebelião que a deformou.

Sentiu fome.

Sentiu sede.

Experimentou cansaço.

Conheceu tristeza.

Sofreu.

Sangrou.

Morreu.

Foi sepultado.

Era necessário que fosse verdadeiramente semelhante aos irmãos para representá-los.

Era necessário que pudesse morrer para, por meio da morte, vencer aquele que detinha o poder da morte.

A encarnação não é um detalhe anterior à cruz.

Ela torna a cruz possível.

Jesus possuía alma

A humanidade de Cristo não consistia apenas num corpo conduzido externamente pela divindade.

No Getsêmani, Jesus declarou:

“A minha alma está profundamente triste até à morte.”

No texto grego:

Hē psychē mou.

“A minha alma.”

O próprio Jesus atribui a si uma *psychē*.

Sua angústia não era uma encenação. A proximidade da cruz atravessou sua experiência humana real.

Em João 12, ele também declara:

“Agora, a minha alma está perturbada.”

Novamente, a palavra é *psychē*.

Jesus amou.

Compadeceu-se.

Admirou-se.

Chorou.

Entristeceu-se.

Submeteu-se voluntariamente ao Pai.

Nada disso diminui sua divindade. Revela que o Filho eterno viveu uma humanidade verdadeira.

Sua alma não aparece pela primeira vez na explicação de Pedro sobre o Hades. O próprio Cristo fala de sua *psychē* antes da morte.

Jesus possuía espírito

Os Evangelhos também utilizam *pneuma* em relação a Jesus.

João registra que, na noite da traição, Jesus perturbou-se em espírito.

A expressão é:

Tō pneumati.

“No espírito.”

É necessário reconhecer que nem toda ocorrência de *pneuma* nos Evangelhos se refere ao espírito humano de Cristo. Jesus viveu em perfeita comunhão com o Espírito Santo, e o contexto precisa determinar cada uso.

Entretanto, Lucas 23.46 eliminará qualquer dúvida quanto à posse pessoal:

“Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito.”

To pneuma mou.

“O meu espírito.”

O possessivo é explícito.

Jesus possuía *pneuma* e o entregou ao Pai.

Jesus possuía corpo

O corpo de Cristo também era verdadeiro.

Ele foi concebido e nasceu.

Cresceu.

Caminhou.

Sentiu fome e sede.

Dormiu por causa do cansaço.

Foi tocado.

Recebeu ferimentos.

Seu sangue foi derramado.

Hebreus apresenta o Filho dizendo:

“Corpo me preparaste.”

No Novo Testamento, a palavra é *sōma*.

Jesus também falou do pão como representação de seu corpo entregue em favor dos discípulos.

Depois de sua morte, José de Arimateia pediu seu *sōma*, retirou-o da cruz, envolveu-o em linho e o colocou no sepulcro.

Não havia ali aparência.

Era o corpo real do Filho encarnado.

Corpo, alma e espírito no mesmo Cristo

Antes mesmo de reunirmos os acontecimentos da morte, já encontramos o vocabulário aplicado a Jesus:

Ele fala de sua *psychē*.

Entrega seu *pneuma*.

E possui *sōma*.

Alma.

Espírito.

Corpo.

Não são três Cristos.

Não são três pessoas independentes.

O mesmo Jesus diz “minha alma” e “meu espírito”.

O corpo preparado e oferecido pertence ao mesmo Filho.

A tricotomia não fragmenta a pessoa. Descreve distinções reais dentro da humanidade do único Cristo.

Isso se harmoniza com a declaração de Paulo.

Paulo nomeou *pneuma, psychē* e *sōma* na totalidade humana.

Os Evangelhos e Hebreus aplicam esse vocabulário a Jesus.

Sem pecado, mas verdadeiramente homem

Alguém poderia perguntar se a ausência de pecado tornaria Jesus menos humano.

A resposta é não.

O pecado não define a humanidade como Deus a criou. Ele a fere.

Jesus não precisava pecar para ser homem. Ao contrário, nele vemos humanidade santa, obediente e plenamente submetida ao Pai.

Sua tentação foi real.

Seu sofrimento foi real.

Sua obediência foi real.

Sua morte foi real.

Ele pode compadecer-se de nossas fraquezas porque viveu a condição humana sem se render ao pecado.

Assim, não afirmamos que Jesus foi semelhante a nós em corrupção moral.

Afirmamos aquilo que Hebreus ensina:

Foi semelhante aos irmãos.

Participou de carne e sangue.

Foi tentado à nossa semelhança.

Permaneceu sem pecado.

Por que sua morte revela nossa composição

Durante a vida terrena, corpo, alma e espírito atuam na unidade da pessoa.

Quando alguém pensa, sente, adora, fala ou age, não observamos três sujeitos operando separadamente. É a pessoa inteira que vive.

Na morte, porém, acontece separação.

É por isso que a morte de Cristo possui valor antropológico para este estudo.

Não porque a cruz tenha sido apresentada como uma aula abstrata sobre a constituição humana.

Mas porque as Escrituras registraram o que aconteceu com aquele que verdadeiramente se fez homem.

Seu espírito foi entregue ao Pai.

Seu corpo foi colocado no sepulcro.

Sua alma não foi abandonada no Hades.

Se Cristo não fosse verdadeiramente homem, essa sequência não poderia demonstrar a composição humana.

Mas ele se fez um de nós.

Por isso, os acontecimentos de sua morte não podem ser tratados como irrelevantes para a antropologia bíblica.

Cristo é a medida

Não estamos tentando ajustar Jesus a uma teoria previamente escolhida.

Estamos fazendo o movimento contrário.

Submetemos nossa compreensão do homem àquilo que foi revelado em Cristo.

Ele é a Pedra Angular.

As demais pedras da construção precisam alinhar-se a ele.

Se uma interpretação exige que as palavras aplicadas a Cristo sejam ignoradas, é a interpretação que precisa ser reexaminada.

Isso não nos autoriza a agir com arrogância. A verdade de Cristo exige firmeza, mas também temor, honestidade e disposição para examinar as Escrituras.

Não permanecemos com a tricotomia para preservar um rótulo.

Permanecemos porque Paulo distinguiu espírito, alma e corpo e porque encontramos os três aplicados ao Filho encarnado.

Conclusão

Jesus Cristo veio em carne.

O Verbo eterno se fez um de nós sem deixar de ser Deus.

Participou de carne e sangue.

Foi semelhante aos irmãos.

Possuía corpo, alma e espírito.

Sōma.

Psychē.

E *pneuma.*

Não três pessoas.

Um único Cristo.

Uma humanidade completa.

No próximo capítulo, contemplaremos essa tricotomia aplicada à sua morte.

Primeiro, o *pneuma* será entregue ao Pai.

Depois, o *sōma* será colocado no sepulcro.

E Pedro explicará que a *psychē* não foi abandonada no Hades.

Paulo apresentou a totalidade.

Cristo, que verdadeiramente se fez um de nós, demonstrará sua aplicação na cruz.

Referências principais do capítulo

- Mateus 26.36–46.
- Lucas 23.46; 24.36–43.
- João 1.1–14; 12.27; 13.21; 19.28–42.
- 1 João 4.1–3.
- Filipenses 2.5–11.
- Hebreus 2.9–18; 4.14–16; 10.5–10.

Nota técnica para revisão e apêndice

- João 1.14 emprega *sarx*, "carne", para afirmar a encarnação real do Verbo.
- Hebreus 2.14 declara que o Filho participou de carne e sangue; 2.17 afirma que foi semelhante aos irmãos. Hebreus 4.15 preserva a diferença: sem pecado.
- Mateus 26.38 e João 12.27 empregam *psychē* em declarações de Jesus sobre "minha alma".
- João 13.21 declara que Jesus se perturbou *tō pneumati*, "no espírito"; Lucas 23.46 contém a posse explícita, *to pneuma mou*, "o meu espírito".
- Hebreus 10.5 emprega *sōma*, "corpo". Lucas 23.52 aplica o mesmo substantivo ao corpo de Jesus pedido por José.
- Esses textos confirmam o vocabulário de corpo, alma e espírito em Jesus. A matriz da morte será estabelecida no capítulo seguinte.

Capítulo 7 — A tricotomia aplicada à morte de Cristo

Não comece pelas opiniões humanas.

Olhe para a cruz.

Se Jesus Cristo verdadeiramente se fez um de nós, sua humanidade não era aparente nem incompleta. Ele participou da carne e do sangue. Experimentou cansaço, dor e morte. O mesmo Filho que permaneceu plenamente Deus assumiu plenamente a natureza humana.

Por isso, aquilo que as Escrituras registraram sobre sua morte possui valor decisivo para a antropologia bíblica.

Paulo já havia nomeado a totalidade humana:

Espírito.

Alma.

E corpo.

Pneuma.

Psychē.

E *sōma.*

Agora veremos esses três termos aplicados à morte do próprio Jesus.

Não aparecem reunidos no mesmo versículo, porque os acontecimentos foram registrados em momentos diferentes. Entretanto, pertencem ao mesmo Cristo, à mesma morte e à mesma revelação apostólica.

Primeiro, Jesus entrega seu espírito ao Pai.

Depois, José de Arimateia pede seu corpo e o coloca no sepulcro.

Mais tarde, Pedro explica que sua alma não foi abandonada no Hades.

Essa sequência constitui o centro deste livro.

Primeiro: Cristo entregou seu *pneuma*

Jesus ainda estava na cruz quando pronunciou suas últimas palavras registradas por Lucas:

“Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito.”

No texto grego, lemos:

Pater, eis cheiras sou paratithemai to pneuma mou.

“Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito.”

A palavra traduzida como espírito é *pneuma*.

A declaração é pessoal e consciente.

Jesus não diz apenas que a vida está terminando. Ele se dirige ao Pai e confia a ele aquilo que chama de “meu espírito”.

O verbo *paratithemai* comunica a ideia de entregar, confiar ou colocar sob os cuidados de alguém. Cristo não está sendo vencido contra sua vontade. Mesmo no momento extremo do sofrimento, permanece consciente de quem é, de quem é o Pai e do destino daquele espírito que entrega.

Lucas também preserva a ordem do acontecimento:

Jesus entrega seu espírito.

Depois, expira.

O texto não diz que o corpo de Cristo foi entregue naquele instante às mãos invisíveis do Pai. Aquele corpo ainda permanecia na cruz e, pouco depois, seria acessível aos homens que o retirariam.

Jesus nomeia especificamente o *pneuma*.

Não o *sōma*.

Não a *psychē*.

O *pneuma*.

João registra o mesmo momento mediante a expressão “entregou o espírito”. Embora a formulação de João também descreva o ato de morrer, Lucas oferece a declaração mais completa, pois registra a entrega dirigida ao Pai.

Essa primeira parte da demonstração está firmada no que o texto declara diretamente:

Espírito — *pneuma* — entregue ao Pai — Lucas 23.46.

Não precisamos especular sobre o caminho invisível percorrido pelo espírito. A Escritura informa o que é necessário: Jesus possuía *pneuma* e o entregou ao Pai.

Depois: José pediu o *sōma*

Após a morte de Jesus, José de Arimateia apresenta-se diante de Pilatos.

Lucas escreve:

“Este, chegando a Pilatos, pediu o corpo de Jesus.”

No grego:

Ētēsato to sōma tou Iēsou.

“Pediu o corpo de Jesus.”

A palavra é *sōma*.

O mesmo substantivo empregado por Paulo ao falar do corpo humano em 1 Tessalonicenses 5.23 aparece agora no relato do sepultamento de Cristo.

A precisão da narrativa é simples e poderosa.

José não pede o *pneuma* de Jesus.

Não pede sua *psychē*.

Pede seu *sōma*.

O corpo permanecia no cenário físico do Calvário.

Podia ser retirado da cruz.

Podia ser envolvido em linho.

Podia ser transportado.

Podia ser colocado num sepulcro escavado na rocha.

Foi exatamente isso que José fez.

Os Evangelhos não apresentam um corpo aparente. O sepultamento confirma a realidade da morte humana de Jesus. Pilatos certificou-se de que ele havia morrido. José recebeu o corpo. As mulheres observaram onde foi colocado.

A distinção em relação ao espírito entregue ao Pai está diante de nós.

O *pneuma* foi confiado ao Pai.

O *sōma* permaneceu acessível na cruz e foi depositado no sepulcro.

Não estamos criando essa separação por meio de uma teoria. A morte a manifestou na própria narrativa.

Essa é a segunda parte da demonstração:

Corpo — *sōma* — retirado da cruz e colocado no sepulcro — Lucas 23.52–53.

O corpo morto não deixou de pertencer a Jesus. Lucas o chama de “corpo de Jesus”. A separação não criou outro sujeito. Aquele corpo continuava relacionado à mesma pessoa que o havia oferecido na cruz.

A profecia: a *psychē* não seria abandonada no Hades

Agora chegamos à terceira parte.

Ela não aparece no relato do sepultamento, mas na explicação apostólica da ressurreição.

No dia de Pentecostes, Pedro se levanta diante da multidão e anuncia que Jesus, entregue e morto, foi ressuscitado por Deus. Para demonstrar que isso já havia sido profetizado, cita o Salmo 16:

“Não deixarás a minha alma no Hades, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção.”

Em Atos 2.27, a palavra traduzida como alma é *psychē*.

A expressão grega contém:

Tēn psychēn mou eis Hadēn.

“A minha alma no Hades.”

Essa linguagem não surgiu apenas na tradução portuguesa. Está presente no texto grego citado por Pedro.

O Salmo havia sido escrito em hebraico. Ali encontramos *nefesh* para alma ou vida pessoal e Sheol para o domínio dos mortos. Na Septuaginta, antiga tradução grega do Antigo Testamento, *nefesh* foi traduzida por *psychē*, e Sheol, por Hades.

Pedro utiliza essa forma grega e a aplica diretamente a Jesus.

Ele explica que Davi era profeta. Davi morreu, foi sepultado e seu túmulo era conhecido. Portanto, a profecia não encontrou em Davi seu cumprimento definitivo. Davi falava antecipadamente da ressurreição do Cristo.

No versículo 31, Pedro declara que Cristo não foi abandonado no Hades e que sua carne não viu corrupção.

Uma precisão textual deve ser preservada.

Em Atos 2.27, *psychē* aparece expressamente: “a minha alma”. No texto grego crítico de Atos 2.31, Pedro não repete necessariamente o substantivo; ele explica que Cristo não foi abandonado no Hades. Algumas tradições textuais e traduções repetem “sua alma”. De qualquer forma, a relação entre os versículos é direta: o versículo 31 interpreta a profecia citada no versículo 27.

Pedro fala de duas realidades relacionadas à mesma morte:

A alma não seria abandonada no Hades.

A carne não veria corrupção.

O corpo estava no sepulcro.

A *psychē* é mencionada em relação ao Hades.

E Deus ressuscitou Jesus.

Essa é a terceira parte da demonstração:

Alma — *psychē* — não abandonada no Hades — Atos 2.27, explicado em Atos 2.31.

Paraíso, Hades e o limite necessário

Não precisamos transformar este capítulo num tratado sobre o mundo dos mortos.

Para a demonstração antropológica, bastam os dados relacionados diretamente a Cristo.

Na cruz, Jesus prometeu ao ladrão arrependido:

“Hoje estarás comigo no Paraíso.”

Em Lucas 16, o Senhor havia descrito consolo junto de Abraão e tormento no Hades, separados por um grande abismo.

Quando harmonizamos essas passagens, compreendemos o Paraíso prometido ao ladrão em correspondência com o lugar de consolo, e não com o tormento dos perdidos. Essa correspondência é uma síntese teológica; Lucas não escreveu literalmente que “o Paraíso era um compartimento do Hades”.

O ponto indispensável para este livro é mais simples:

Jesus prometeu presença pessoal ao ladrão.

Pedro afirmou que a *psychē* de Cristo não seria abandonada no Hades.

O *sōma* permaneceu no sepulcro.

O *pneuma* havia sido entregue ao Pai.

Não avançaremos além do necessário, porque o assunto deste livro é a composição humana revelada em Cristo.

A matriz cristocêntrica

Agora podemos colocar os três acontecimentos lado a lado:

Dimensão	Palavra grega	Acontecimento	Referência principal
Espírito	*pneuma*	Entregue ao Pai	Lucas 23.46
Corpo	*sōma*	Retirado da cruz e colocado no sepulcro	Lucas 23.52–53

Alma	*psychē*	Não abandonada no Hades	Atos 2.27, explicado em 2.31

Paulo havia apresentado:

Pneuma.

Psychē.

Sōma.

Na morte de Cristo, encontramos:

O *pneuma* entregue ao Pai.

O *sōma* colocado no sepulcro.

A *psychē* não abandonada no Hades.

Três palavras distintas.

Três declarações bíblicas.

Um único Cristo.

Uma única morte redentora.

Essa é a tricotomia aplicada.

Por que isso significa tudo

Alguém poderá afirmar que esses acontecimentos não significam nada para a composição humana porque foram registrados em passagens diferentes.

Mas eles dizem respeito ao mesmo Jesus.

Não estamos aproximando personagens sem relação.

Não estamos reunindo mortes diferentes.

Não estamos impondo palavras estranhas ao texto.

O mesmo Cristo declara possuir *pneuma*.

Seu corpo é chamado *sōma*.

A profecia aplicada a ele menciona sua *psychē*.

E Paulo já havia reunido esses mesmos três substantivos ao falar da totalidade humana.

Separadamente, cada passagem afirma um fato.

Reunidas, elas revelam uma harmonia.

Essa harmonia não depende de um teólogo moderno ou antigo. Ela nasce da relação entre a formulação apostólica e os acontecimentos da cruz.

É por isso que a demonstração significa tudo para esta obra.

Cristo é a Pedra Angular.

Se nossa antropologia deve ser cristocêntrica, não podemos tratar como irrelevante aquilo que as Escrituras distinguiram na humanidade do próprio Senhor.

A interpretação não pode apagar o *pneuma* entregue ao Pai.

Não pode transformar o *sōma* sepultado numa aparência.

Não pode retirar a *psychē* da profecia citada por Pedro.

Em Cristo, as três declarações encontram seu centro.

Um único Cristo, não três sujeitos

A tricotomia não ensina que existiam três Cristos na cruz.

O espírito não era uma pessoa independente chamada Jesus.

A alma não era outro Jesus.

O corpo no sepulcro não era um terceiro sujeito.

O Filho permaneceu a mesma pessoa.

Ele disse “meu espírito”.

José pediu “o corpo de Jesus”.

A profecia dizia “minha alma” e foi aplicada por Pedro ao Cristo.

Os possessivos e as identificações apontam para unidade pessoal.

Corpo, alma e espírito pertenciam ao único Filho encarnado segundo sua humanidade.

A morte produziu separação entre dimensões que, durante a vida terrena, operavam em unidade. Não produziu três pessoas e não destruiu a identidade de Cristo.

Isso também impede que a tricotomia seja representada como fragmentação.

Distinção não é dissolução.

Unidade não é ausência de distinções.

Jesus é um só.

E, sendo verdadeiramente homem, possuía espírito, alma e corpo.

O que o texto declara e o que esta obra conclui

Para manter a demonstração transparente, podemos separar os níveis da afirmação.

O texto declara:

- Jesus entregou seu *pneuma* ao Pai.
- José pediu o *sōma* de Jesus e o colocou no sepulcro.
- A profecia citada por Pedro afirma que a *psychē* não seria abandonada no Hades.
- Pedro aplica essa profecia à ressurreição de Cristo.

Os textos permitem concluir:

- A morte de Jesus manifestou distinção entre aquilo que ele chamou de espírito, o corpo sepultado e a alma mencionada pela profecia.
- O mesmo Cristo permaneceu o sujeito pessoal das três declarações.

Esta obra sintetiza:

A formulação de Paulo sobre espírito, alma e corpo encontra sua demonstração cristocêntrica na morte de Jesus.

Essa distinção entre declaração, conclusão e síntese não enfraquece a doutrina. Ela mostra exatamente como chegamos a ela.

Não pedimos ao leitor que aceite uma afirmação sem caminho bíblico.

Apresentamos os textos.

Preservamos suas palavras.

Observamos o mesmo Cristo.

E reunimos aquilo que a própria Escritura colocou diante de nós.

A morte separou, mas não venceu

O *pneuma* foi entregue ao Pai.

O *sōma* foi colocado no sepulcro.

A *psychē* não foi abandonada no Hades.

Mas essa separação não foi definitiva.

Pedro não pregou apenas que Cristo morreu. Pregou que Deus o ressuscitou.

O corpo não permaneceu na corrupção.

O Hades não reteve o Santo.

O mesmo Jesus apresentou-se vivo.

A ressurreição será examinada no Capítulo 9. Ali veremos como a vitória de Cristo confirma a continuidade da mesma pessoa e a restauração da humanidade integral.

Por enquanto, a demonstração central está estabelecida:

Paulo nomeou a totalidade humana.

Cristo revelou sua distinção na morte.

A ressurreição anunciou que a separação não teria a palavra final.

Conclusão

Jesus Cristo verdadeiramente se fez um de nós.

Sua humanidade não era incompleta.

Na cruz, entregou seu espírito ao Pai.

Depois, seu corpo foi retirado e colocado no sepulcro.

Pedro, interpretando o Salmo, afirmou que sua alma não foi abandonada no Hades.

Pneuma.

Sōma.

Psychē.

Três termos distintos aplicados ao mesmo Cristo.

A ordem narrativa é clara:

Primeiro, o espírito foi entregue.

Depois, o corpo foi sepultado.

Mais tarde, a alma foi identificada na explicação apostólica da ressurreição.

Não é uma teoria colocada sobre Jesus.

É uma compreensão construída a partir daquilo que foi escrito sobre ele.

Paulo apresentou a doutrina.

Cristo demonstrou sua aplicação na cruz.

E a ressurreição confirmou que a morte não desfez a pessoa.

No próximo capítulo, responderemos às principais objeções. Não repetiremos toda a demonstração. Apenas verificaremos se alguma delas possui força suficiente para apagar aquilo que Paulo distinguiu e que a morte de Cristo tornou visível.

Referências principais do capítulo

- Salmo 16.8–11.
- Lucas 16.19–31; 23.39–53.
- João 19.28–42.
- Atos 2.22–32.
- 1 Tessalonicenses 5.23–24.
- Hebreus 2.14–18.

Nota técnica para revisão e apêndice

- Lucas 23.46 contém *paratithemai to pneuma mou*: “entrego/confio o meu espírito”.
- Lucas 23.52 contém *to sōma tou Iēsou*: “o corpo de Jesus”.
- O Salmo 16.10 no texto hebraico emprega *nefesh* e Sheol. Na numeração tradicional da Septuaginta, corresponde ao Salmo 15.10 e contém *tēn psychēn mou eis Hadēn*.
- Atos 2.27 reproduz *tēn psychēn mou eis Hadēn*: “a minha alma no Hades”.
- No texto grego crítico de Atos 2.31, *psychē* não é repetida; Pedro declara que Cristo não foi abandonado no Hades e que sua carne não viu corrupção. A relação interpretativa com o versículo 27 permanece direta.
- A correspondência entre Paraíso e seio de Abraão é uma síntese de Lucas 16 e Lucas 23, não uma frase literal de Atos 2.
- A matriz descreve distinções na humanidade do único Cristo; não divide a pessoa do Filho em três sujeitos.

Capítulo 8 — As principais objeções à tricotomia

Uma doutrina deve ser capaz de responder às objeções levantadas contra ela.

Entretanto, responder não significa transformar o estudo bíblico numa controvérsia interminável.

Nos capítulos anteriores, seguimos um caminho definido.

A criação apresentou o homem formado do pó, recebendo de Deus o fôlego da vida e tornando-se alma vivente.

A morte revelou a separação entre o corpo que retorna ao pó e o espírito que retorna a Deus.

Paulo nomeou a totalidade humana como espírito, alma e corpo.

E a morte de Jesus apresentou o *pneuma* entregue ao Pai, o *sōma* colocado no sepulcro e a *psychē* não abandonada no Hades.

Agora examinaremos as principais tentativas de interpretar esses textos de outra maneira.

Nosso objetivo não é ridicularizar quem discorda. Pessoas sinceras podem repetir interpretações recebidas de mestres respeitados. O dever deste livro é verificar se essas interpretações conseguem preservar todos os dados apresentados pelas Escrituras.

Uma conclusão não deve ser aceita apenas porque é antiga, conhecida ou amplamente difundida.

Também não deve ser rejeitada somente porque parece nova ao leitor.

A pergunta continua sendo:

Qual interpretação respeita aquilo que está escrito e encontra sua confirmação em Jesus Cristo?

Primeira objeção: “Alma e espírito são sinônimos no cântico de Maria”

Uma das passagens frequentemente apresentadas contra a tricotomia encontra-se no Magnificat:

“A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador.”

Lucas, capítulo 1, versículos 46 e 47.

O argumento afirma que Maria emprega “alma” e “espírito” em paralelismo. Portanto, as duas palavras seriam nomes diferentes para a mesma realidade.

O primeiro ponto está correto: existe paralelismo.

O segundo não decorre obrigatoriamente do primeiro.

No paralelismo poético, duas linhas podem aproximar ideias, ampliar uma afirmação ou apresentar aspectos relacionados da mesma experiência. Isso não exige que cada palavra da segunda linha seja ontologicamente idêntica à palavra correspondente da primeira.

Maria louva a Deus com toda a sua interioridade.

Sua alma engrandece.

Seu espírito se alegra.

O texto inspirado comunica a profundidade de sua adoração. Não anuncia que seu objetivo seja definir tecnicamente a composição humana nem declarar que *psychē* e *pneuma* sejam absolutamente intercambiáveis.

Reconhecer o gênero poético não diminui a inspiração do Magnificat.

É justamente porque toda a Escritura é inspirada que devemos permitir que cada texto cumpra sua própria finalidade.

O cântico demonstra que alma e espírito podem participar conjuntamente da adoração. Não demonstra que a distinção feita por Paulo inexista.

Segunda objeção: “Se os significados se sobrepõem, alma e espírito são a mesma coisa”

As palavras bíblicas não funcionam como etiquetas rígidas empregadas sempre com um único sentido.

Psychē pode significar alma, vida ou pessoa.

Pneuma pode significar vento, fôlego, espírito humano, ser espiritual ou o Espírito Santo.

No Antigo Testamento, *nefesh* e *ruach* também possuem campos de significado amplos.

A partir disso, alguns concluem que alma e espírito não podem representar realidades distinguíveis.

Mas a conclusão confunde sobreposição semântica com identidade absoluta.

Duas palavras podem aproximar-se em determinados contextos e permanecer distintas em outros.

Quando *psychē* significa vida, e *pneuma* está relacionado ao fôlego vital, ambas podem tocar a realidade da existência. Isso não transforma uma palavra na outra em todas as passagens.

O contexto possui autoridade para aproximar os termos.

O mesmo contexto também possui autoridade para distingui-los.

Em 1 Tessalonicenses 5.23, Paulo menciona separadamente espírito, alma e corpo.

Em Hebreus 4.12, alma e espírito aparecem numa formulação de divisão.

Na morte de Cristo, *pneuma, sōma* e *psychē* são empregados em declarações distintas.

A existência de sentidos sobrepostos explica por que alguns textos podem aproximar alma e espírito. Não autoriza apagar os textos nos quais a distinção se torna necessária.

Terceira objeção: “Passagens com apenas dois elementos provam a dicotomia”

Existem textos que mencionam corpo e alma.

Outros falam de corpo e espírito.

Outros empregam carne e espírito, exterior e interior, coração e mente.

Essas passagens são verdadeiras. Mas uma enumeração parcial não constitui necessariamente uma definição completa da ontologia humana.

Quando Jesus afirma que os homens podem matar o corpo, mas não a alma, seu propósito é ensinar a quem devemos temer. Ele não está apresentando uma lista de tudo o que constitui o homem.

Quando outra passagem destaca corpo e espírito, seu assunto imediato pode exigir somente esses dois aspectos.

O silêncio sobre um terceiro elemento não equivale à declaração de que ele inexista.

Se uma passagem menciona pai e filho de uma família, não podemos concluir, apenas por esse silêncio, que a mãe não exista. Para chegar a essa conclusão, o texto precisaria afirmar que aqueles dois são a totalidade exclusiva da família.

Da mesma maneira, textos que mencionam duas dimensões humanas devem ser interpretados conforme sua finalidade.

Primeira aos Tessalonicenses 5.23 é diferente porque Paulo declara estar falando da preservação integral dos cristãos e, nesse contexto de totalidade, reúne espírito, alma e corpo.

As passagens parciais permanecem verdadeiras.

A enumeração mais abrangente também permanece verdadeira.

Harmonizar a Bíblia não significa usar o texto parcial para apagar o completo.

Quarta objeção: “Primeira aos Tessalonicenses 5.23 é apenas uma oração”

É correto reconhecer a forma da passagem.

Paulo expressa uma oração, um desejo ou uma bênção apostólica para que Deus santifique completamente os cristãos e preserve integralmente seu espírito, alma e corpo.

O erro está na palavra “apenas”.

Uma oração apostólica não deixa de ensinar.

Quando Paulo ora para que uma igreja cresça em amor, conhecimento ou discernimento, os substantivos não perdem significado porque aparecem numa oração.

Da mesma forma, *pneuma, psychē* e *sōma* não se tornam palavras aleatórias.

Paulo poderia ter pedido simplesmente que Deus preservasse “todos vocês”. Em vez disso, ao falar da integralidade dos cristãos, nomeou três elementos e os articulou separadamente.

A forma de oração explica como a declaração foi apresentada.

Não desfaz o conteúdo da declaração.

O versículo não precisa explicar detalhadamente a função de cada elemento para que sua distinção seja respeitada.

Quinta objeção: “A divisão de alma e espírito em Hebreus é impossível”

Hebreus declara:

“A Palavra de Deus é viva e eficaz, e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até à divisão da alma e do espírito, das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração.”

Hebreus, capítulo 4, versículo 12.

O tema principal é o poder penetrante da Palavra de Deus.

Ela alcança o que os olhos humanos não alcançam.

Julga pensamentos e intenções.

Nada permanece escondido diante de Deus.

Alguns entendem “divisão da alma e do espírito” apenas como uma maneira de dizer que a Palavra alcança o impossível. Entretanto, a força da linguagem não depende da inexistência da distinção, mas da incapacidade humana de realizá-la perfeitamente.

A Palavra alcança onde nosso discernimento não alcança.

Ela distingue o que para nós se encontra profundamente unido.

Hebreus não afirma que alma e espírito sejam fáceis de separar mediante análise psicológica. Também não oferece uma anatomia do invisível.

Mas menciona alma e espírito distintamente e atribui à Palavra a capacidade de chegar à sua divisão.

O versículo não sustenta sozinho toda a tricotomia.

Ele atua como testemunho convergente: Paulo distingue os termos ao falar da totalidade humana, e Hebreus reconhece uma divisão que somente a Palavra consegue alcançar plenamente.

Sexta objeção: “Animais possuem *nefesh* e *ruach*; portanto são iguais ao homem”

Essa objeção parte de uma observação textual verdadeira.

Os animais são chamados *nefesh chayyah*: criaturas ou seres viventes.

Eles também possuem *ruach chayyim*: fôlego de vida.

Eclesiastes afirma que homens e animais compartilham o mesmo fôlego e a mortalidade corporal.

O erro surge quando o vocabulário comum de vida é transformado em igualdade ontológica completa.

Os animais vivem, respiram, percebem, aprendem e possuem capacidades concedidas por Deus. Por isso, as palavras relacionadas à vida e ao fôlego podem ser aplicadas a eles.

Contudo, somente o homem é apresentado como criado à imagem e semelhança de Deus.

Somente o homem recebe, no relato da criação, a vocação moral e representativa de governar responsavelmente.

Compartilhar fôlego não significa compartilhar integralmente identidade, responsabilidade e destino.

Além disso, a antropologia deste livro não depende de atribuir a *nefesh* ou *ruach* um sentido técnico idêntico em todas as ocorrências.

Quando essas palavras significam criatura viva e respiração, devem ser compreendidas dessa maneira.

A distinção tricotômica encontra sua formulação mais clara no Novo Testamento e sua demonstração na humanidade de Cristo.

Portanto, os textos sobre animais corrigem traduções mecânicas, mas não anulam aquilo que Paulo nomeou e Cristo demonstrou.

Sétima objeção: “Os três acontecimentos de Cristo não provam nada”

Esta é a objeção decisiva.

Ela afirma que o espírito entregue ao Pai, o corpo colocado no sepulcro e a alma não abandonada no Hades aparecem em passagens diferentes e, por isso, não podem formar uma demonstração antropológica.

Mas a Bíblia não precisa colocar toda doutrina num único versículo para que seus textos sejam harmonizados.

As três declarações pertencem ao mesmo Cristo.

Referem-se à mesma morte.

E utilizam os mesmos termos que Paulo havia reunido ao falar da totalidade humana.

Jesus declarou:

“Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito.”

Lucas registra *pneuma*.

José de Arimateia pediu o corpo de Jesus e o colocou no sepulcro.

Lucas registra *sōma*.

Pedro aplicou a Cristo a profecia:

“Não deixarás a minha alma no Hades.”

Atos registra *psychē*.

Não estamos reunindo personagens diferentes nem acontecimentos sem relação.

O mesmo conjunto formado por *pneuma, psychē* e *sōma* em 1 Tessalonicenses 5.23 reaparece aplicado ao mesmo Jesus no acontecimento de sua morte.

É verdade que Cristo é único por ser o Filho de Deus encarnado. Mas sua singularidade divina não torna sua humanidade irreal ou inútil para compreendermos o homem. Hebreus afirma que ele participou de carne e sangue e foi feito semelhante aos irmãos.

Se Jesus não possuísse a natureza humana completa, sua morte não poderia revelar a constituição humana. Mas ele verdadeiramente se fez um de nós, sem deixar de ser Deus.

A demonstração é cumulativa:

Paulo oferece a enumeração.

A encarnação estabelece a plena humanidade de Cristo.

A morte manifesta destinos distintos para o espírito, o corpo e a alma.

A ressurreição preserva a identidade do único Cristo.

Descartar essa harmonia porque as declarações aparecem em versículos diferentes seria impedir que a própria Escritura interpretasse a Escritura.

O limite das interpretações concorrentes

A dicotomia procura preservar a unidade do homem dividindo-o em corpo e dimensão imaterial, tratando alma e espírito como palavras equivalentes ou como aspectos da mesma realidade.

O monismo enfatiza o homem como unidade indivisível e rejeita a subsistência de elementos imateriais separados do corpo.

O pluralismo ou a visão multidimensional descreve o ser humano por várias capacidades, relações ou dimensões, sem limitar sua constituição a duas ou três partes.

Cada posição pode perceber aspectos verdadeiros.

A dicotomia reconhece que o homem não se reduz ao corpo.

O monismo recorda que o homem é uma pessoa una.

A visão multidimensional observa a riqueza das faculdades e relações humanas.

Entretanto, nenhuma dessas contribuições pode receber autoridade para apagar os textos centrais deste estudo.

A unidade pessoal não exige ausência de distinções.

A variedade de faculdades não substitui a enumeração apostólica.

E a proximidade entre alma e espírito não permite declará-los absolutamente idênticos quando Paulo os distinguiu e Cristo revelou sua aplicação.

Este livro permanece com a interpretação que consegue reunir os dados sem eliminar nenhum deles:

Um único ser humano.

Corpo, alma e espírito distinguíveis.

Unidos durante a vida terrena.

Separados pela morte.

Restaurados na vitória da ressurreição.

Conclusão

As objeções examinadas não anulam a tricotomia.

O Magnificat aproxima alma e espírito no louvor, mas não declara que sejam ontologicamente idênticos.

A sobreposição de significados não elimina a distinção contextual.

Passagens que mencionam dois aspectos não revogam a enumeração integral de Paulo.

A forma de oração de 1 Tessalonicenses 5.23 não esvazia suas palavras.

Hebreus 4.12 exalta o poder da Palavra precisamente ao afirmar que ela alcança a divisão da alma e do espírito.

O vocabulário de vida aplicado aos animais não os iguala integralmente ao homem feito à imagem de Deus.

E os três acontecimentos da morte de Cristo não podem ser descartados como coincidências sem significado.

Uma interpretação não pode apagar o que Paulo distinguiu nem tornar insignificante aquilo que foi demonstrado no próprio Cristo.

Não precisamos prolongar indefinidamente a controvérsia.

Os textos foram apresentados.

As objeções foram examinadas.

Agora falta contemplar a resposta final de Deus à separação produzida pela morte.

A ressurreição.

Referências principais do capítulo

- Gênesis 1.20–28; 2.7.
- Eclesiastes 3.18–21; 12.7.
- Mateus 10.28.
- Lucas 1.46–47; 23.46,52–53.
- Atos 2.27,31.
- 1 Tessalonicenses 5.23–24.
- Hebreus 2.14–17; 4.12–13.

Síntese apologética

A tricotomia não depende de atribuir significado rígido a cada ocorrência de “alma” e “espírito”. Ela se fundamenta na enumeração apostólica da totalidade humana e encontra sua demonstração cristocêntrica no *pneuma* entregue ao Pai, no *sōma* colocado no sepulcro e na *psychē* não abandonada no Hades.

Capítulo 9 — A ressurreição confirma a pessoa integral

A morte de Jesus revelou separação.

Seu espírito foi entregue ao Pai.

Seu corpo foi colocado no sepulcro.

Sua alma não foi abandonada no Hades.

Entretanto, a separação não teve a palavra final.

No terceiro dia, o sepulcro ficou vazio.

O mesmo Jesus que havia morrido apresentou-se vivo.

A ressurreição não apagou sua identidade, não produziu outro Cristo e não transformou as três dimensões de sua humanidade em três sujeitos independentes.

Ela confirmou que espírito, alma e corpo pertenciam à mesma pessoa.

A morte separou.

A ressurreição reuniu, restaurou e transformou.

É nesse acontecimento que a antropologia tricotômica preserva seu equilíbrio. Ela reconhece distinções reais sem fragmentar o ser humano. Corpo, alma e espírito podem ser distinguidos, mas pertencem à unidade de uma única pessoa.

O sepulcro ficou vazio

As mulheres foram ao sepulcro esperando encontrar o corpo de Jesus.

Elas sabiam onde José de Arimateia o havia depositado. Haviam observado o sepultamento e retornaram levando aromas preparados para o corpo morto.

Mas a pedra havia sido removida.

O corpo não estava ali.

A mensagem recebida por elas não foi que Jesus havia sobrevivido apenas como lembrança, influência ou espírito desencarnado.

“Por que buscais entre os mortos aquele que vive? Não está aqui, mas ressuscitou.”

Lucas, capítulo 24, versículos 5 e 6.

O sepulcro vazio possui importância antropológica.

O *sōma* colocado ali não foi abandonado à corrupção.

Pedro já havia explicado que a profecia do Salmo alcançava duas realidades relacionadas:

A alma não seria abandonada no Hades.

E a carne não veria corrupção.

A ressurreição respondeu às duas declarações.

O Hades não reteve o Cristo.

O sepulcro não conservou seu corpo.

Entretanto, o sepulcro vazio, sozinho, ainda poderia gerar perguntas. Por isso, as Escrituras não registram apenas a ausência do corpo. Registram a presença do Ressuscitado.

“Sou eu mesmo”

Quando Jesus apareceu aos discípulos, eles ficaram assustados e imaginaram estar vendo um espírito ou uma aparição.

Cristo respondeu:

“Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e vede, pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho.”

Lucas, capítulo 24, versículo 39.

A frase central é:

“Sou eu mesmo.”

O Ressuscitado não era um substituto enviado para representar Jesus.

Não era outra pessoa ocupando seu lugar.

Não era somente uma imagem produzida na mente dos discípulos.

Era o mesmo Cristo.

Suas mãos e seus pés relacionavam o Ressuscitado àquele que fora crucificado. Em João, Jesus convida Tomé a observar suas mãos e seu lado. Aquele que estava diante dele era o mesmo que havia sido ferido.

A continuidade não era apenas corporal.

Jesus conhecia seus discípulos.

Recordava o que lhes havia ensinado.

Interpretava as Escrituras.

Chamava-os pelo nome.

Retomava a missão que lhes havia confiado.

Sua identidade pessoal permaneceu íntegra.

O corpo havia passado pela morte, mas aquele corpo continuava pertencendo ao mesmo Jesus.

A pessoa que entregara o espírito e cuja alma não fora abandonada apresentou-se corporalmente viva.

Um corpo real e transformado

Jesus convidou os discípulos a tocá-lo.

Mostrou-lhes as mãos e os pés.

Comeu diante deles.

Esses acontecimentos confirmam que a ressurreição não foi apenas uma experiência interior dos seguidores nem a sobrevivência imaterial da alma.

O corpo participou da vitória.

Ao mesmo tempo, a ressurreição não foi simples retorno à condição que Jesus possuía antes da morte.

Lázaro havia voltado à vida mortal e morreria novamente.

Cristo ressuscitou para uma vida sobre a qual a morte já não possui domínio.

Seu corpo era real, mas glorificado.

Havia continuidade, porque era o corpo do mesmo Jesus.

Havia transformação, porque a corrupção e a mortalidade haviam sido vencidas.

Essas duas verdades precisam permanecer juntas.

Se falarmos apenas em continuidade, poderemos reduzir a ressurreição a uma reanimação temporária.

Se falarmos apenas em transformação, poderemos perder a identidade entre o Crucificado e o Ressuscitado.

A Escritura preserva ambas:

O mesmo Jesus ressuscitou.

E ressuscitou em glória.

O significado de “corpo espiritual”

Em 1 Coríntios 15, Paulo responde a pessoas que perguntavam como os mortos ressuscitam e com que corpo retornam.

Ele utiliza a imagem da semente.

Aquilo que é semeado não permanece na mesma condição, mas Deus lhe concede corpo conforme sua vontade. Existe continuidade entre a semente e aquilo que nasce, porém também existe transformação.

Paulo declara:

“Semeia-se corpo natural, ressuscita corpo espiritual.”

Primeira aos Coríntios, capítulo 15, versículo 44.

No grego, encontramos:

Sōma psychikon.

E *sōma pneumatikon*.

Corpo natural.

E corpo espiritual.

A palavra “espiritual” não elimina a palavra “corpo”.

Paulo não afirma que o corpo será substituído por uma existência sem corpo. Ele fala de um corpo transformado, adequado à vida incorruptível e plenamente submetido à atuação do Espírito de Deus.

O contraste do capítulo é claro:

Corrupção e incorrupção.

Desonra e glória.

Fraqueza e poder.

Mortalidade e imortalidade.

O corpo sepultado em fraqueza é levantado por Deus em poder.

Portanto, “corpo espiritual” não significa fantasma nem matéria inexistente. Significa um corpo pertencente à nova condição da ressurreição.

Filipenses confirma essa transformação ao declarar que Cristo transformará nosso corpo de humilhação para ser semelhante ao corpo de sua glória.

O corpo não é descartado.

É redimido e transformado.

A ressurreição restaura a unidade

A Escritura registra com clareza o que aconteceu na morte:

O *pneuma* foi entregue ao Pai.

O *sōma* foi colocado no sepulcro.

A *psychē* não foi abandonada no Hades.

Na ressurreição, porém, os Evangelhos não descrevem mecanicamente cada instante dessa reunião.

Não há um versículo dizendo, em linguagem técnica, exatamente quando o espírito retornou ao corpo ou como a alma deixou o Hades.

Não precisamos inventar uma cena que a Bíblia não narrou.

O que as Escrituras demonstram é suficiente:

O sepulcro ficou vazio.

O mesmo Jesus apresentou-se vivo.

Possuía corpo real e glorificado.

Preservava memória, consciência, vontade, relações e identidade.

A separação produzida pela morte havia sido vencida.

A conclusão de que corpo, alma e espírito voltaram a constituir a humanidade viva do mesmo Cristo é uma síntese decorrente da ressurreição integral. Não é a reprodução literal de um único versículo.

Essa precisão fortalece a doutrina.

Não afirmamos conhecer o mecanismo invisível que Deus não descreveu.

Afirmamos aquilo que o resultado tornou incontestável:

O Cristo que havia morrido estava vivo novamente, pessoal e corporalmente.

Distinção não significa fragmentação

Uma das preocupações levantadas contra a tricotomia é que ela dividiria o homem em três seres.

A ressurreição de Jesus responde a essa preocupação.

O *pneuma* entregue ao Pai não se tornou um Cristo independente.

O *sōma* colocado no sepulcro não se tornou outro sujeito.

A *psychē* não abandonada no Hades não constituiu um terceiro Jesus.

As três dimensões pertenciam ao único Filho encarnado.

Durante a vida terrena, atuavam na unidade de sua humanidade.

Na morte, receberam descrições e destinos distintos.

Na ressurreição, o mesmo Cristo levantou-se vitorioso.

Assim, a tricotomia bíblica afirma duas verdades simultâneas:

Distinção ontológica: corpo, alma e espírito não devem ser apagados nem confundidos.

Unidade pessoal: os três não constituem três pessoas, mas pertencem ao mesmo ser humano.

Unidade não exige ausência de distinções.

Distinção não exige multiplicidade de pessoas.

Em Cristo, as duas verdades permanecem em perfeita harmonia.

Cristo, as primícias

A ressurreição de Jesus não foi apenas um acontecimento particular sem relação com nossa esperança.

Paulo o chama de primícias dos que dormem.

As primícias anunciam a colheita.

Cristo ressuscitou primeiro em vitória e sua ressurreição estabelece o fundamento da ressurreição daqueles que lhe pertencem.

Isso não significa que nos tornaremos divinos ou que possuiremos a identidade de Cristo. Significa que a vitória alcançará também nossa condição humana.

O corpo corruptível será levantado incorruptível.

O corpo mortal será revestido de imortalidade.

A pessoa não será apagada e substituída por outra.

Deus preservará a identidade e transformará a condição.

Por isso, a esperança cristã não consiste em abandonar definitivamente o corpo como se a matéria fosse inimiga da salvação.

Deus criou o homem integral.

Cristo assumiu a humanidade integral.

Morreu realmente.

E ressuscitou integralmente.

A redenção culmina na vitória sobre a morte, não na vitória da morte sobre o corpo.

A matriz completa

Agora podemos reunir o percurso central desta obra:

Etapa	Declaração bíblica	Contribuição antropológica
Formulação apostólica	Espírito, alma e corpo em 1 Tessalonicenses 5.23	Paulo nomeia a totalidade humana
Morte de Cristo	*Pneuma* entregue, *sōma* sepultado e *psychē* não abandonada	Cristo manifesta a distinção na separação da morte
Ressurreição	O sepulcro fica vazio e o mesmo Jesus apresenta-se vivo	A unidade pessoal é restaurada e o corpo é transformado

Paulo apresentou.

Cristo demonstrou.

A ressurreição confirmou.

Essa matriz não depende de fazer todas as palavras bíblicas significarem a mesma coisa em cada passagem.

Também não depende de um único versículo responder a todas as perguntas.

Ela nasce da harmonia entre a declaração apostólica, a plena humanidade de Cristo, sua morte e sua ressurreição.

O que o texto declara e o que esta obra conclui

Os textos declaram:

- O corpo de Jesus não permaneceu no sepulcro.
- O mesmo Jesus apresentou-se vivo aos discípulos.
- Podia ser visto, ouvido e tocado.
- Possuía carne e ossos e comeu diante deles.
- Cristo ressuscitou como primícias dos que dormem.

- O corpo corruptível será ressuscitado em incorrupção.
- Cristo transformará nosso corpo de humilhação para ser semelhante ao corpo de sua glória.

Os textos permitem concluir:

- A ressurreição preserva a identidade pessoal e transforma a condição corporal.
- O corpo ressurreto não é mera aparência nem simples retorno à mortalidade.
- A separação revelada na morte não permaneceu no Cristo ressuscitado.

Esta obra sintetiza:

A morte separa corpo, alma e espírito; a ressurreição reúne, restaura e transforma a pessoa integral.

Conclusão

O sepulcro ficou vazio.

O mesmo Jesus apresentou-se vivo.

Disse aos discípulos:

“Sou eu mesmo.”

Nessas palavras, encontramos a continuidade da pessoa.

Em seu corpo glorificado, encontramos a vitória da transformação.

A morte distinguiu aquilo que pertencia à sua humanidade.

A ressurreição confirmou que essas distinções jamais constituíram três Cristos.

Um único Filho se fez verdadeiramente homem.

Um único Cristo entregou seu espírito, teve seu corpo sepultado e não teve sua alma abandonada no Hades.

E esse mesmo Cristo ressuscitou.

A tricotomia não destrói a unidade humana.

Ela reconhece que corpo, alma e espírito pertencem à mesma pessoa e que a morte produz uma separação que somente o poder de Deus pode vencer.

Paulo nomeou a totalidade.

Cristo revelou a distinção em sua morte.

A ressurreição confirmou a unidade e a vitória.

A morte separa.

A ressurreição reúne, restaura e transforma a pessoa integral.

Referências principais do capítulo

- Lucas 24.1–8,36–43.
- João 20.19–29.
- Atos 2.22–32.
- 1 Coríntios 15.20–23,35–57.
- Filipenses 3.20–21.

Nota técnica para revisão e apêndice

- Em Lucas 24.39, Jesus diz *egō eimi autos*: “sou eu mesmo”, e distingue sua corporalidade ressuscitada de uma aparição sem carne e ossos.
- Em 1 Coríntios 15.44, Paulo contrasta *sōma psychikon* e *sōma pneumatikon*. Em ambos os casos permanece o substantivo *sōma*, corpo.
- “Corpo espiritual” não deve ser interpretado como ausência de corpo, mas como corpo transformado para a condição da ressurreição.
- Filipenses 3.21 fala da transformação do “corpo de nossa humilhação” para ser conforme ao “corpo de sua glória”.
- A Escritura não narra mecanicamente a reunião da alma e do espírito com o corpo de Cristo; essa reunião é uma síntese decorrente do sepulcro vazio e da apresentação integral do mesmo Jesus vivo.

Conclusão — Permaneçam sobre a Pedra

Chegamos ao fim deste estudo, mas não ao fim da responsabilidade de examinar as Escrituras.

Toda conclusão teológica deve permanecer aberta à correção da Palavra de Deus.

Não porque a Palavra seja incerta, mas porque nosso entendimento é limitado.

A Bíblia é viva e eficaz. Ela alcança pensamentos, intenções e conceitos que carregamos durante anos sem voltar a examiná-los. À medida que o Espírito Santo concede entendimento, somos chamados a renovar a mente e a submeter nossas tradições àquilo que está escrito.

Reexaminar não é desonrar os mestres do passado.

Também não é buscar novidades para alimentar a vaidade.

Os bereanos foram considerados nobres porque receberam a mensagem com disposição e examinavam diariamente as Escrituras para verificar se aquilo era assim.

Essa continua sendo uma atitude necessária.

Uma doutrina não se torna verdadeira por ser antiga.

Não se torna falsa por parecer nova ao leitor.

Não é confirmada pela quantidade de pessoas que a defendem.

E não é anulada pela resistência daqueles que preferem permanecer com a interpretação que receberam.

A questão deve ser resolvida pela Palavra de Deus.

E, para o cristão, a Palavra converge em Jesus Cristo.

Cristo é o centro da interpretação

Cristo possui a primazia em todas as coisas.

Ele é a imagem do Deus invisível.

É o Verbo que se fez carne.

É o fundamento dos apóstolos.

É a Pedra rejeitada pelos construtores que se tornou a principal Pedra Angular.

Por isso, nossa antropologia também deve ser examinada à luz dele.

Se uma construção teológica não se alinha a Cristo, não é a Pedra que precisa ser ajustada.

É a construção.

Neste livro, não começamos pela tentativa de tornar uma tradição vencedora. Começamos perguntando o que as Escrituras dizem sobre a constituição humana e como essa verdade aparece na humanidade plena de Jesus.

O caminho percorrido foi progressivo.

Na criação, Deus formou o homem do pó, soprou o fôlego da vida e o homem tornou-se alma vivente.

Na morte, o corpo retorna ao pó e o espírito retorna a Deus, que o concedeu.

Paulo, ao falar da santificação e preservação integral dos cristãos, nomeou espírito, alma e corpo.

Hebreus declarou que a Palavra de Deus penetra até à divisão da alma e do espírito.

E Jesus Cristo, tendo participado da carne e do sangue e sido feito semelhante aos irmãos, revelou na própria morte a aplicação daquilo que Paulo havia distinguido.

Paulo apresentou

Primeira aos Tessalonicenses 5.23 não contém três palavras acidentais.

Paulo escreveu:

Espírito.

Alma.

E corpo.

Pneuma.

Psychē.

E *sōma*.

Uma única pessoa humana.

Três elementos distinguíveis dentro de sua totalidade.

A forma de oração da passagem não esvazia seu conteúdo. A existência de textos que mencionam apenas dois aspectos do homem não apaga essa enumeração. E a sobreposição de sentidos entre alma e espírito em algumas passagens não autoriza declará-los absolutamente idênticos onde a própria Escritura os distingue.

Paulo apresentou a formulação apostólica.

Cristo demonstrou

A doutrina não permaneceu apenas numa enumeração.

Na morte de Jesus, encontramos os mesmos três termos aplicados ao mesmo Cristo.

Primeiro, ainda na cruz, ele declarou:

“Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito.”

O *pneuma* foi entregue ao Pai.

Depois, José de Arimateia pediu a Pilatos o corpo de Jesus, retirou-o da cruz, envolveu-o em linho e colocou-o no sepulcro.

O *sōma* foi sepultado.

Mais tarde, no dia de Pentecostes, Pedro aplicou a Cristo a profecia do Salmo:

“Não deixarás a minha alma no Hades.”

A *psychē* não foi abandonada no domínio dos mortos.

Três declarações bíblicas.

Três palavras distintas.

Uma única morte.

Um único Cristo.

Essas declarações não criaram três pessoas. O espírito era “meu espírito”. O corpo continuava sendo “o corpo de Jesus”. A alma mencionada na profecia pertencia ao mesmo Cristo sobre o qual Pedro pregava.

A morte separou dimensões que pertenciam à humanidade do único Filho encarnado.

Cristo demonstrou a tricotomia aplicada.

A ressurreição confirmou

Mas a morte não venceu.

O sepulcro ficou vazio.

O mesmo Jesus apresentou-se vivo e declarou aos discípulos:

“Sou eu mesmo.”

Podia ser visto.

Podia ser ouvido.

Podia ser tocado.

Possuía corpo real e glorificado.

Preservava consciência, memória, vontade, relações e identidade.

A Escritura não descreve mecanicamente cada instante da reunião de corpo, alma e espírito. Não precisamos inventar aquilo que Deus não revelou.

O resultado é suficiente.

O mesmo Cristo que havia morrido estava pessoal e corporalmente vivo.

A separação produzida pela morte havia sido vencida.

A ressurreição confirmou que a distinção entre corpo, alma e espírito não destrói a unidade pessoal.

A conclusão alcançada

A tricotomia não ensina três seres vivendo dentro do homem.

Ensina que o ser humano é uma unidade pessoal constituída de corpo, alma e espírito.

Durante a vida terrena, essas dimensões pertencem ao mesmo indivíduo.

Na morte, a unidade é desfeita temporariamente.

Na ressurreição, Deus restaura e transforma a pessoa integral.

Os termos bíblicos podem possuir sentidos diferentes conforme o contexto. *Nefesh* pode significar vida, pessoa, criatura ou alma. *Ruach* pode significar vento, fôlego ou espírito. *Psychē* e *pneuma* podem aproximar-se em determinadas passagens.

Nada disso anula a conclusão.

A tricotomia defendida neste livro não depende de transformar cada ocorrência numa definição técnica.

Ela se fundamenta na enumeração apostólica e encontra sua demonstração cristocêntrica na morte e na ressurreição de Jesus.

Este é o ponto central:

O *pneuma* foi entregue ao Pai, o *sōma* foi colocado no sepulcro e a *psychē* não foi abandonada no Hades. Depois, o mesmo Cristo ressuscitou.

Toda honra pertence a Deus

Se esta reunião dos textos parecer ao leitor uma apresentação incomum, isso não deve produzir glória humana.

Não importa se alguém, em algum lugar ou tempo, já percorreu exatamente o mesmo caminho argumentativo.

A verdade não pertence ao expositor.

A Palavra não pertence ao canal.

A revelação não existe para engrandecer quem a anuncia.

Toda honra e toda glória pertencem a Deus.

Se o Espírito Santo nos permite perceber uma harmonia antes não percebida por nós, nossa resposta deve ser gratidão, temor e serviço.

Não recebemos entendimento para construir um nome sobre a Pedra.

Recebemos para apontar para a Pedra.

Por isso, esta obra não termina exaltando seu autor. Termina convidando o leitor a abrir novamente as Escrituras, conferir cada referência e contemplar a humanidade plena de Jesus Cristo.

Permaneçam sobre a Pedra

Jesus advertiu que aquele que cair sobre a Pedra será despedaçado e que aquele sobre quem ela cair será reduzido a pó.

Essa imagem não nos autoriza a tratar pessoas com arrogância. Ela nos adverte sobre a seriedade de resistir à verdade revelada em Cristo.

Não usemos a Pedra para ferir o próximo.

Permitamos que ela quebre nosso orgulho.

Se uma tradição precisar ser revista, revisemos a tradição.

Se uma explicação antiga não conseguir preservar todos os textos, retornemos à Escritura.

Se nosso entendimento for corrigido, agradeçamos a Deus pela correção.

Renovar a mente não é abandonar a fé.

É abandonar tudo aquilo que não consegue permanecer diante da Palavra.

Exorto-vos, portanto, a permanecer com a doutrina dos apóstolos e com a demonstração apresentada em Jesus Cristo.

O ser humano é corpo, alma e espírito.

Paulo nomeou essa totalidade.

Na morte de Jesus, o espírito foi entregue ao Pai, o corpo foi colocado no sepulcro e a alma não foi abandonada no Hades.

Na ressurreição, o mesmo Cristo levantou-se vitorioso.

Paulo apresentou.

Cristo demonstrou.

A ressurreição confirmou.

E sobre essa Pedra permanecemos.

Referências principais da conclusão

- Mateus 21.42–44.
- Lucas 20.17–18.
- João 1.1,14.
- Atos 17.11.
- Romanos 12.2.
- 1 Coríntios 2.10–12.
- Colossenses 1.15–18.
- 1 Tessalonicenses 5.23.
- Hebreus 2.14–17; 4.12.
- 1 Pedro 5.1.

Este livro apresenta uma defesa bíblica e cristocêntrica da tricotomia. Partindo da declaração de Paulo sobre espírito, alma e corpo, acompanha os acontecimentos da morte e da ressurreição de Jesus para demonstrar a composição integral do ser humano.

O *pneuma* foi entregue ao Pai.
O *soma* foi colocado no sepulcro.
A *psychē* não foi abandonada no Hades.

PAULO APRESENTOU.
CRISTO DEMONSTROU.
A RESSURREIÇÃO CONFIRMOU.

ELIZEU MORAES DA S. E SILVA
GUARDIÃO DA PROFECIA